



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

JÚLIO CÉSAR ALVES CARNEIRO

**TRAJETÓRIA E COTIDIANO DOS FRANCISCANOS NA HISTÓRIA DO
BRASIL: EM SEUS CAPÍTULOS NA CAPITANIA DA PARAÍBA E RAINHA
DA BORBOREMA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2011**

JÚLIO CÉSAR ALVES CARNEIRO

**TRAJETÓRIA E COTIDIANO DOS FRANCISCANOS NA HISTÓRIA DO
BRASIL: EM SEUS CAPÍTULOS NA CAPITANIA DA PARAÍBA E RAINHA
DA BORBOREMA**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba em
cumprimento à exigência para conclusão do
curso.

ORIENTADOR: PROFº. MSC. ALBERTO EDVANILDO SOBREIRA COURA

**CAMPINA GRANDE-PB
2011**

C289t

Carneiro, Júlio César Alves

Trajectoria e Cotidiano dos Franciscanos na História do Brasil [manuscrito]: em seus capítulos na capitania da Paraíba e rainha da Borborema / Júlio César Alves Carneiro. – 2011.

80 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010.

“Orientação: Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Coura, Departamento de História”.

1. Catequese 2. Franciscanismo 3. Ordens Religiosas 4. Missões

I. Título.

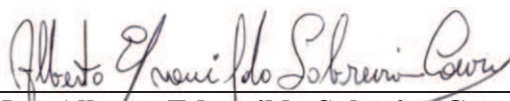
21. ed. CDD 268

JÚLIO CÉSAR ALVES CARNEIRO

**TRAJETÓRIA E COTIDIANO DOS FRANCISCANOS NA HISTÓRIA DO
BRASIL: EM SEUS CAPÍTULOS NA CAPITANIA DA PARAÍBA E RAINHA
DA BORBOREMA**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba em
cumprimento à exigência para conclusão do
curso.

Aprovado em: 17/06/2011.



Prof^o Msc. Alberto Edvanildo Sobreira Coura/UEPB
Orientador



Prof^a. Msc. Maria Giseuda Nascimento Limeira/UEPB
Examinadora



Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina Aragão Araújo/UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

À Frei Josa Xavier[†] e Frei José Vieira que com o seu testemunho me ajudaram a ser uma pessoa mais solidária e consciente diante da vida, me fazendo enxergar muitas vezes no outro e em mim mesmo a complexidade humana em todas as suas dimensões e ao mesmo tempo sua condição divina às vezes escondida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com muita alegria aos meus familiares principalmente a minha mãe Isabel e tia Maria que docemente e ingenuamente me apoiaram e acreditaram na minha capacidade humana e intelectual na vida e durante longos cinco anos que passei na universidade.

A minha doce e amada noiva Patrícia que sempre esteve com muito amor e paciência também a me orientar na minha miopia da informática, ela que indubitavelmente é minha grande inspiração e alegria nesta vida de meu Deus.

Fico muito feliz também por poder registrar meus agradecimentos a todos os meus amigos e amigas que durante estes anos compartilharam um pouco de suas vidas comigo, especialmente a Aluska que partiu para a morada celeste no ano 2010, e que nos deixou agradáveis e inesquecíveis lembranças, meu muito obrigado a todos e todas que passaram por nossa turma e deixou sua contribuição, Deus os abençoe em suas vidas.

De forma especial quero parabenizar a todos que conseguiram perseverar no curso até o fim, bravos guerreiros e guerreiras que suportaram uns aos outros durante cinco anos, mesmo diante das diferenças e indiferenças humanas conseguimos chegar além.

Finalmente agradeço aos professores que contribuíram com todo o processo de ensino aprendizagem da nossa turma desde 2006, que fiquem gravados em nossos corações os bons e maus exemplos destes profissionais. Particularmente me sinto muito prestigiado por ter tido o Professor Alberto por meu orientador, agradeço-lhe por seu constante apoio, sabedoria e principalmente paciência prestada a esta pesquisa e a minha pessoa. Abraço Fraternal e Paz e Bem!

“Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor (...)
Ó Mestre, Fazei que eu procure mais
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.”

São Francisco de Assis

RESUMO

A intensa participação das ordens monásticas na colonização européia no Novo Mundo se traduziu em muitos objetivos alcançados. Estas organizações religiosas exerceram um importante papel na formação cultural do povo brasileiro. Tivemos como objetivo principal neste trabalho refletir sobre a trajetória do franciscanismo no Brasil colonial e contemporâneo, considerando as principais etapas de sua atuação missionária durante os cinco séculos de sua presença no processo de formação da sociedade brasileira, paraibana e campinense. Os dois principais conceitos utilizados foram o de Identidade Cultural de Stuart Hall e o de Representações de Roger Chartier. Foram explorados nesta pesquisa os principais arquivos municipais da cidade de Campina Grande, a biblioteca e o museu, como também o arquivo do Convento de São Francisco, além dos arquivos virtuais existentes que tratam do franciscanismo no Brasil. Em dois capítulos acompanhamos os principais passos da caminhada dos religiosos franciscanos na história brasileira: no primeiro, abordamos como se desenvolveram as missões catequéticas das ordens religiosas especialmente a franciscana, no seu processo de consolidação no Brasil e na Paraíba, considerando suas principais contribuições para a formação de uma identidade cultural; no segundo capítulo exploramos a presença da ordem franciscana na história de Campina Grande, observando como foram construídas as bases de sua religiosidade. Analisamos também os mais difíceis momentos da Província de Santo Antônio entre crise e restauração através do auxílio da Província alemã da Saxônia e a fundação dos Colégios Seráficos de Bardel e Ipuarana.

PALAVRAS - CHAVE: Franciscanismo; ordens religiosas; missões; catequese.

ABSTRACT

The intense involvement of monastic orders in the European colonization in the New World resulted in many goals achieved. These religious organizations played an important role in cultural formation of the Brazilian people. We had as main objective in this work reflect on the trajectory of the Franciscans in colonial and contemporary Brazil, considering the main steps of his missionary work during the five centuries of their presence in the formation of Brazilian society, Paraíba society and Campinense society. The two main concepts used were of Cultural Identity by Stuart Hall and the Representation by Roger Chartier. Explored in this research were the main municipal archives of the Campina Grande cities, the central library and museum and archive from San Francisco Convent beyond virtual files existing Franciscans in Brazil. Two chapters follow the main steps of the walk of the Franciscan religious in Brazilian history: the first, we discuss how they developed the catechetical mission of the Franciscan religious orders, especially in its process of consolidation in Brazil and Paraíba, considering his major contributions to the formation of a cultural identity, in the second chapter explored the presence of the Franciscan order in the history of Campina Grande, noting how they were built the foundations of their religion. We also look at the hardest moments of the St. Anthony Province of crisis and restoration through the aid of the Saxony German Province and the foundation of the Bardel and Ipuarana Seraphic Colleges.

KEYWORDS: Franciscan religious orders, missions, catechesis

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 01:	Descrição da foto.....	23
FOTO 02:	Descrição da foto	28
FOTO 03:	Descrição da foto.....	30
FOTO 04:	Descrição da foto.....	45
FOTO 05:	Descrição da Foto.....	57
FOTO 06:	Descrição da Foto.....	58
FOTO 07:	Descrição da Foto.....	62
FOTO 08:	Descrição da Foto.....	67
FOTO 09:	Descrição da Foto.....	71
FOTO 10:	Descrição da Foto.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1- ITINERÁRIO FRANCISCANO NA CONSTRUÇÃO NA TERRA BRASIL	11
1.1 Pioneirismo da Ordem Franciscana na “Terra de Vera Cruz”.....	13
1.2 Fundação da “Custódia de Santo Antônio do Brasil” (1584).....	17
1.3 Missões Franciscanas na Paraíba.....	20
1.3.1 A emergência da Catequese na Capitania	22
1.3.2 Obstáculos Políticos na trajetória Missionária.....	26
1.3.2.1 Governador: Feliciano Coelho de Carvalho (1592-1600).....	27
1.3.2.2 Rivalidade entre franciscanos e Jesuítas.....	29
1.3.3.3 Invasão Holandesa (1634-1654).....	32
1.4 Olhar Sobre a História Franciscana.....	35
2- PRESENÇA FRANCISCANA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.....	37
2.1 Representações, Origens Religiosas e Franciscanismo em Campina Grande.....	38
2.2 Origens Religiosas de Campina Grande.....	42
2.3 Franciscanos antes e depois da “Rainha da Borborema”.....	49
2.3.1 Fases Franciscanas: Entre Crise e Restauração.....	50
2.3.2 Colégios Seráficos em Questão nas Vidas das Províncias Irmãs.....	52
2.4 Uma entre Todas Foste a Escolhida: Campina Grande, terra franciscana no Ipuarana.....	53
2.5 A História e o Cotidiano do Convento São Francisco de Campina Grande.....	57
2.5.1 O apogeu e a decadência do Convento Ipuarana.....	66
2.6 O Mundo e a Igreja entre Revoluções e Conversões.....	69
2.6.1 O Concílio Vaticano II: “Na conversão da Igreja e suas conseqüências na Formação Religiosa do Ipuarana”.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	79

INTRODUÇÃO

Fazer memória e discutir a história da Ordem Franciscana no Brasil significa remontar a própria história do nosso país, pois esta se fez presente desde os fundamentos da nova nação e aí permaneceu durante cinco séculos até nossos dias. A sua importância no cenário nacional brasileiro se tornou claramente um reflexo da sua forte presença na Igreja Católica desde o seu surgimento (1209) quando foi responsável pela superação de crises na conjuntura eclesial. Nesta terra a sua primeira missão foi a de anunciar o evangelho às comunidades indígenas no intuito paralelo de “amansar” aqueles que podiam impor alguma resistência às comitivas portuguesas. Em meio a esta atuação ora entendida como sagrada e ora como profana, pois é sabido que os interesses divinos se entrelaçavam aos interesses político-econômicos tanto Igreja como da coroa portuguesa, houve e há certos e bons questionamentos de pesquisadores a respeito de qual foi o papel contributivo na história do Brasil dessas organizações.

A primeira impressão histórica que temos deste tema nos remete a fatores negativos naturalmente, afinal as ordens monásticas representavam o poder europeu colonizador e logo, porque não dizer o poder opressor que impunha sua cultura não permitindo qualquer alternativa aos habitantes indígenas e africanos que nesta terra nasceram ou se aculturaram forçadamente. Por esta ótica que é a mais clarividente toda a estrutura que promoveu a exploração colonial trouxe mais desvantagens que vantagens para aquela sociedade que se formava, mesmo assim podemos tentar enxergar de outra forma a presença religiosa nestes longínquos cinco séculos de vida pastoral e catequética no Brasil aos olhos da nova história que nos permite lançar outras vistas aos eventos históricos sem determiná-los diante mão como uma verdade absoluta.

Para alcançarmos novo olhar neste campo utilizamos a teoria de Chartier (1990) que trabalho sobre o papel das representações, ele nos traz como proposta a investigação de como as práticas e as representações são construídas, propondo uma nova forma de abordagem, buscando perceber as representações como construções que os grupos fazem sobre suas práticas. A proposta de Chartier desmorona a noção de história como tradução da realidade, pois afirma que nenhum texto traduz a realidade, nenhum texto apreende a realidade em sua totalidade. Atalhos teóricos podem igualmente nos conduzir sobre o objeto a outras verdades que não eram possíveis anteriormente devido ao fechamento metodológico adotado.

Assim, um dos interesses que motivou esta pesquisa foi buscar justamente na trajetória da ordem franciscana uma melhor compreensão desse processo histórico brasileiro, considerando que seja impossível vislumbrar as etapas de desenvolvimento e formação de nossa gente sem considerar a atuação missionária, política, social, espiritual dessas verdadeiras “empresas da fé” que foram as ordens religiosas no cotidiano desta sociedade. Suas contribuições relevantes nos ramos da educação, pintura, arquitetura, música sacra, são apenas algumas das ações que mais fizeram parte da vida dos religiosos franciscanos e demais ordens que aqui estiveram a construir e organizar a estrutura social neste longo período que abrange a todas as fases de desenvolvimento da colônia portuguesa que um dia viria a se tornar nação “independente”.

No primeiro capítulo desta pesquisa trataremos dos pontos da história da ordem franciscana que mais significaram para o futuro de sua presença missionária não só no Brasil, mais também de forma destacada acompanharemos como se deu a chegada dos religiosos a Capitania da Paraíba e seu estabelecimento no decorrer das primeiras décadas nestas terras. A partir daí relacionaremos como os frutos colhidos pelo intenso trabalho pastoral contribuiu para expandir o compromisso da própria ordem com a colônia Brasil para além dos interesses da metrópole portuguesa. Todas as conquistas como a fundação da Custódia e posteriormente a elevação a Província independente servirão como base para realizarmos um maior aprofundamento das pesquisas sobre a implantação do franciscanismo nos diferentes contextos brasileiro. Ainda neste capítulo abordaremos algumas particularidades desta construção da caminhada franciscana refletida fortemente nos desafios que precisaram ser transpostos para se tornar esta a organização religiosa mais presente do Brasil. E por último na Paraíba iremos centrar mais próxima nossa ótica investigativa no intuito de identificarmos quais foram às práticas que ajudaram os franciscanos ser um dos responsáveis pela formação cultural da nova nação que começava a criar uma identidade forjada sobre as principais representações políticas, sociais, étnicas, religiosas que compunha a estrutura colonial.

Neste raciocínio trabalharemos como o conceito de Stuart Hall (1999) de identidade cultural, no qual defende que a influência do meio constantemente modifica um ser já que nosso mundo é repleto de inovações e características temporárias. No passado as identidades eram mais conservadas devido à falta de contato entre culturas diferentes; porém, com a globalização, isso mudou fazendo com que as pessoas interagissem mais, entre si e com o mundo ao seu redor. Para ele, a nação é além de

uma entidade política, o Estado, ela é um sistema de representação cultural. Entendendo que a nação é composta de representações e símbolos que fundamentam a constituição de uma dada identidade nacional. As ordens religiosas se configuraram como um desses elementos que ajudaram a estabelecer uma identidade cultural através de suas práticas rituais e pastorais no decorrer do processo de permanência no Brasil. Em outro momento decisivo dessa construção da identidade cultural veremos como nos anos de 1960 as crises de identidade modificarão o cenário nacional destacadamente atingindo de cheio a estrutura eclesial. Ainda segundo Hall (1999) tais mudanças se caracterizam pelo deslocamento das estruturas e processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social. A modernidade propicia a fragmentação da identidade.

Já no segundo capítulo continuaremos seguindo uma leitura do itinerário franciscano agora fazendo um recorte que nos conduz para a história da ordem franciscana em Campina Grande especificamente desde as suas origens religiosas quando ainda era povoado indígena no final do século XVII até o apogeu e decadência do Convento Ipuarana em Lagoa Seca-PB momento em que outra configuração da realidade missionária acontece em meio a todas as transformações culturais ocorridas no ocidente com repercussões globais. Não deixando de lado as razões internas que trouxeram a ordem para a Serra da Borborema refletiremos as novas diretrizes da província de Santo Antonio no século XX no caminho da restauração da mesma em busca das novas vocações que mudassem o efetivo da fraternidade no Brasil. Outras importantes informações colhidas nos documentos internos do convento de São Francisco de Campina grande embasarão a pesquisa sobre o cotidiano dos frades junto à sociedade campinense em todas as suas implicações eclesiais, políticas, sociais e culturais que envolveram o processo de consolidação do franciscanismo nesta cidade no período de 1940-70. O conceito de representação de Roger Chartier neste capítulo nos ajudará a entender como se deu esta participação dos franciscanos nas diferentes realidades sociais brasileiras com destaque para a campinense.

1- ITINERÁRIO DOS FRANCISCANOS NA CONSTRUÇÃO DA “TERRA BRASIL”

Durante cinco séculos tornou-se reconhecida a participação das *ordens religiosas*¹ na construção e formação da identidade do povo brasileiro, sabemos que desde a chegada dos primeiros colonizadores a sua presença foi decisiva para o sucesso das pretensões da Coroa portuguesa e da própria Igreja Católica.

Durante todo o período colonial as ordens religiosas estiveram presentes na história de vida das primeiras formações sociais do Brasil - colônia, mais do que participar desse processo formativo elas criaram raízes identitárias neste solo por sua intensa proximidade junto a todas as etnias que estiveram compondo o miscigenado povo brasileiro que se tornou com o passar dos anos sobre a relação indígena, africana e europeia séculos após séculos, a ordem que mais tempo permaneceu em atividade missionária e certamente por isso mesmo contém por sua história um forte elo de pertencimento a estrutura social brasileira que se encaixa dentro do conceito de identidade cultural pensado por Stuart Hall.

Segundo Stuart Hall (1999) uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados ao nosso pertencimento as culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Ele focaliza particularmente as identidades culturais referenciadas às culturas nacionais. Para ele, a nação é além de uma entidade política, o Estado, ela é um sistema de representação cultural. Entendendo que a nação é composta de representações e símbolos que fundamentam a constituição de uma dada identidade nacional. Stuart Hall questiona esta noção unificadora da cultura nacional, afirmando que grande parte das nações foram formadas por um processo violento de conquista de diferentes povos, de diversas classes sociais, assim como diversas etnias e gêneros.

É agora lugar comum dizer que a sociedade moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas

¹ As ordens religiosas são a forma mais comum da vida consagrada em várias confissões cristãs, especialmente na Igreja Católica. Segundo a hierarquia católica, os monges ou frades (que compõem a maior parte dos membros das ordens religiosas) podem ser leigos ou clérigos consagrados. Eles vivem em comunidades fechadas (muitas vezes não isoladas), afastadas do mundo, e seguem uma regra religiosa. Basicamente, existem quatro tipos de ordens religiosas: as **monásticas**: Cistercienses, Beneditinos, Cartuxos e Trapistas; as **mendicantes**: Franciscanos, Dominicanos, Agostinianos e Carmelitas; as **regrantes**: Ordem dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho; e as de **clérigos regulares**: como exemplo os Teatinos, Jesuítas e Escolápios. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_religiosa>. Acesso em 20 de junho de 2011).

não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto “vívuda” quanto “conceptualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram os indivíduos de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas. Antes acreditava-se que estas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. O status, a classificação e a posição de umas pessoas na “grande cadeia do ser”, a ordem secular e divina das coisas, predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano. O nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o iluminismo do XVIII, representou uma ruptura importante como o passado. Alguns argumentam que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da modernidade em movimento.

A Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o homem no centro do universo, as revoluções científicas, que conferiram ao homem as faculdades e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da natureza; e o iluminismo, centrado na imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada.

Em meio às principais *ordens e congregações*² que se destacaram em todo processo de colonização européia em terras no dito “Novo Mundo” uma organização, entre outras conseguiu marcar presença e fincar raízes profundas neste solo e com isso se estabelecer ao longo de cinco séculos, a Ordem Franciscana.

No presente capítulo discutiremos os principais acontecimentos históricos que influenciaram diretamente no itinerário da ordem franciscana no Brasil nestes quinhentos anos de caminhada evangélica, no intuito maior de compreendermos como se realizou a trajetória dessa ordem religiosa até Campina grande, considerando os

² Antigamente, pelo Código revogado, **ordem** era o instituto de vida religiosa no qual o membro fazia votos solenes, enquanto na **congregação** os votos eram simples. Hoje não há mais essa diferença e o Código as agrupam, congregações e ordens, sob o título “institutos de vida religiosa”, os quais, ao lado dos institutos seculares, são espécies do gênero “institutos de vida consagrada”. Além desses institutos de vida consagrada (que se subdividem como vimos em institutos de vida religiosa e institutos seculares), há as sociedades de vida apostólica, que se assemelham aos primeiros, por aproximação. (Em: http://www.mitranh.org.br/s1/index.php?option=com_content&view=article&id=1265:diferenca-entre-ordem-e-congregacao-religiosa>. Acesso em: 21 de junho de 2011.)

momentos mais significativos da sua presença no solo brasileiro, sejam estes de sucessos ou fracassos.

O que se pretende neste capítulo é fazer um levantamento histórico de como se deu esta caminhada dos filhos de São Francisco desde as primeiras incursões³ colonizadoras no século XVI passando por seu processo de organização e estabelecimento no Brasil, Nordeste e a Capitania da Paraíba durante os séculos XVII, XVIII, XIX e adentrando ao XX. Os tópicos explorados nesta etapa da pesquisa e análise visam oferecer condições não só cronológicas mais estatísticas da presença e atuação dos religiosos franciscanos que serão referenciais importantes para identificar os avanços e os retrocessos da sua trajetória.

Por fim a partir destes pressupostos conjunturais da história poderemos estabelecer uma ponte entre as diferentes fases do caminho percorrido pela Ordem Franciscana no Brasil e na Capitania da Paraíba desde a sua mais tenra idade até chegarmos a uma história mais recente que nos propiciará tratar no segundo capítulo desta mesma presença franciscana na cidade de Campina Grande - PB.

1.1 Pioneirismo da Ordem Franciscana na “Terra de Vera Cruz”

Geralmente na historiografia brasileira encontramos um vasto número de obras quando se trata de “Ordens Religiosas no Brasil” que afirmam e destacam demasiadamente os jesuítas como os precursores da catequese e do trabalho auxiliar ao projeto colonizador europeu luso-ibero, nos livros didáticos, por exemplo, ainda existem poucas referências da participação e contribuições das outras organizações que junto aos *inacianos*³ marcaram sua presença e de forma bastante significativa ajudaram

³ Os **inacianos** eram os filhos de Santo Inácio de Loyola mais conhecidos como os jesuítas que eram padres da Igreja Católica que faziam parte da Companhia de Jesus. Esta ordem religiosa foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola. A Companhia de Jesus foi criada logo após a Reforma Protestante (século XVI), como uma forma de barrar o avanço do protestantismo no mundo. Portanto, esta ordem religiosa foi criada no contexto da Contra-Reforma Católica. Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil no ano de 1549, com a expedição de Tomé de Souza. (Em <<http://www.suapesquisa.com/religiosociais/jesuitas.htm>>. Acesso em: 21 de junho de 2011)

e também foram decisivos no trabalho missionário eclesial e “civilizatório” da América.

O que se conhece através das fontes historiográficas a respeito da atuação das ordens religiosas nas primeiras décadas da tomada das terras indígenas no século XVI pelos europeus portugueses e espanhóis é que o seu trabalho foi notadamente essencial para a conquista dos imensos territórios tropicais na sua prática dos exercícios de aculturação dos indígenas aos europeus. Mais o que podemos dizer a respeito dos religiosos que lançaram as primeiras sementes da fé cristã na colônia que mais tarde viria ser o Brasil? Pouco se sabe que estes irmãos franciscanos foram às personagens que iniciaram os trabalhos missionários nas terras ainda desconhecidas sem ter a princípio qualquer vestígio de outra presença colonizadora. Nesta época muitas foram as nações que exploravam (com destaque para Portugal e Espanha) e buscavam regiões que pudessem fornecer não só especiarias mais também almas para o aprisco da religião cristã católica, as que mais se destacavam conseguiam aumentar sua importância política, pois acumulavam vultosas economias e com isso tornavam-se influentes sobre todos os setores principalmente no que nos interessa o da “Religião”.

No início do século XVI grandes ordens religiosas já habitavam inúmeros “países” fora de suas origens para propagarem a fé cristã com o objetivo de conquistarem almas, entre elas a ordem franciscana, essa conquista geralmente se deu a partir de uma catequese muitas vezes austera e impositiva, os que sofriam tal processo não tinham escolha quanto à negação desses ensinamentos, se resistissem eram considerados inimigos de Cristo tornando-se uma alma desprezível e digna de morte tanto para a Igreja como para a coroa portuguesa. Percebemos que as intenções estavam estritamente interligadas quando o assunto era “conquista”, o “plano da Igreja era espiritual preocupava-se com as almas e o plano da coroa era o poder político e econômico” de certa forma uma dependia da outra prevalecendo o segundo sobre, é o que nos afirma Willeke.

Estabelecidos em Portugal, desde 1217, os Frades menores bem cedo levaram a palavra de Deus aos povos da África e China. Em dezembro de 1462, o Papa Pio II nomeou Prefeito Apostólico da missão da Guiné a Frei Alonso de Bolaño, O.F.M., visto que os franciscanos foram os primeiros a missionar a costa dessa possessão portuguesa. Com a longa prática na África, tanto o governo português quanto os franciscanos lusos puderam enfrentar a evangelização de novos povos na Terra de Vera Cruz. A coroa, por sua vez, tinha como lema de sua política externa “Dilatar a fé e o império”. Ademais estava entre as obrigações fundamentais do padroado régio a de incrementar as missões e sustentar os missionários. Não podemos, pois, conceber as missões portuguesas isoladas da administração

régia. Ao rei, como chefe supremo da Ordem de Cristo, competia a “jurisdição espiritual” nas terras Ultramarinas, sendo os negócios das missões tratados no Conselho Ultramarino. Este, direta ou indiretamente, se ingeria mesmo nas coisas que seriam da alçada espiritual. (WILLEKE, 1974, p. 15)

Essa relação de dependência entre os poderes régio e eclesial, sendo este último representado na ordem franciscana e por outras ordens, trará grandes problemas no futuro da colônia de Vera Cruz. Desde o ano 1500, mais precisamente a partir do dia 21 de abril, até o ano de 1549 foram os franciscanos os únicos religiosos a desenvolver atividades missionárias na recém-fundada colônia, durante esta primeira metade do século XVI, alguns grupos de frades estiveram esporadicamente transitando por estas terras no intuito de anunciar o evangelho, entre eles portugueses, espanhóis e italianos que exerceram seu apostolado entre Pernambuco e Santa Catarina, mesmo não conseguindo estabelecer-se na extensa colônia.

Segundo Vicente (1627) apud Willeke (1977) a presença dos frades franciscanos nas primeiras décadas nestas terras pra ser mais exato em Porto Seguro-BA se deu de forma quase sempre inconstante devido ser o objetivo dos grupos de religiosos vindo nas embarcações portuguesas cabralinas a Índia como destino final. Ainda ia demorar alguns anos para esta se tornar propriamente uma colônia fornecedora das riquezas naturais para a metrópole-lusa e mais tarde também a Espanha. Lembremos que os religiosos obedeciam a *ordens régias* e que não só os franciscanos compunham o corpo de sacerdotes presentes nestas primeiras viagens ao novo continente mais se estima que o *clero secular*⁴ também junto ao *clero regular*⁵ participou desta ação missionária nos primórdios de nossa história. Podemos constatar esta realidade segundo os registros das missões esporádicas franciscanas por Willeke.

Iam na armada nove padres do clero secular, cujos nomes ignoramos, e oito franciscanos chefiados por Frei Henrique Soares de Coimbra. O destino de todos os clérigos era a Índia. Quis, porém, a Providência que participassem de um acontecimento único e inesperado. Eis que na terça-feira da Páscoa, dia 21 de abril, aparece uma novidade inaudita: nas ondas do mar flutuam ervas como sinais de terra vizinha, e no dia seguinte, à hora da véspera, ergue-se a grande distância um monte que Álvares Cabral, na viva lembrança da ressurreição, há pouco festejada, apelida espontaneamente

⁴ **Clero Secular** é aquele incardinado em uma Igreja Particular, i.e., em uma figura jurídica reunida em torno de um Bispo (Arquidiocese, Diocese, Administração Apostólica, Prelazia Territorial, Prelazia Pessoal etc). **Clero Regular**, por sua vez é o clero incardinado em um instituto de vida consagrada ou em uma sociedade de vida apostólica, e que, portanto, vive sob uma regra ("regula", em latim; daí, "regular"). (Em< <http://www.eternamisericordia.com.br/artigo/diferenca-entre-clero-secular-e-regular>>. Acesso em: 21 de junho de 2011.

Monte Pascoal, enquanto a terra, aos poucos visível e a evocar a semana santa, recebe o nome Terra de Vera Cruz. (WILLEKE, 1974, p.19)

A atuação franciscana se limitou a missões intercaladas. Dos nove grupos de frades de várias nacionalidades, portugueses, espanhóis e italianos, que atuaram até pouco antes da fundação da custódia em 1584, nenhum conseguiu se estabelecer nas terras ainda tão desconhecidas, por estar o trabalho missionário condicionado ao avanço da colonização portuguesa que tinha por principal interesse descobrir riquezas e transportá-las para a metrópole, acabava que a função dos religiosos após a conquista dos territórios se convertia a um valor de menos importância, não secundária, pois precisavam manter o “controle” ou ao menos continuar o arrefecimento das resistências existentes entre os nativos.

Segundo Vicente (1627) apud Willeke (1977) a primeira ação franciscana que concretamente se fez ativa no território de Vera Cruz se deu em 1516 quando chegaram a Porto Seguro dois missionários da Província de São Francisco de Portugal, eles conseguiram iniciar uma catequese que de forma geral atendiam “*a gregos e troianos*”⁶ além dos tupiniquins, prestavam assistência aos colonos, soldados e degredados lusos. Estes desconhecidos frades franciscanos começaram a fincar as raízes não só da ordem, mas da presença da própria Igreja Católica e religião Cristã nessas terras, construíram a primeira Igreja do Brasil e colheram muitos frutos após dois anos de intensos esforços para evangelizar o maior número possível de pessoas e não só índios. Um ponto importante a frisar é que não podemos reduzir toda a carga do trabalho precursor desses religiosos a catequese indígena, pois muitos portugueses e outros desconhecidos que colonizavam este solo também se beneficiaram com o auxílio destes religiosos. Esses dois primeiros frades não foram apenas os que inauguraram o anúncio evangélico na colônia portuguesa de Vera Cruz através de sua coragem extrema e seu ardor missionário, eles acabaram sendo martirizados em 1518 pela fúria dos índios que se viam ameaçados pela maldade e perseguição de alguns colonos que pretendiam escravizá-los. O primeiro cronista franciscano português a

⁶ “**Gregos e Troianos**” tornou-se uma expressão bastante utilizada na história que designa consenso entre partes ex: Agradar a toda a gente, mesmo a grupos com opiniões divergentes. (Em < <http://www.casota.org/expressions/expression/index.php?id=370>>. Acesso em: 20 de junho de 2011.)

mencionar os confrades é *Frei Manuel da Ilha*⁷ citando o testemunho de um colono, segundo consta no arquivo provincial de Lisboa.

A exploração da costa brasileira deve ter principiado, a partir de 1516, porque foi neste ano que D. Manuel I decretou a distribuição gratuita de machados enxadas a todos os portugueses dispostos a povoarem o Brasil. Aqui se trata provavelmente do início da colonização e da catequese franciscana entre os tupiniquins. Antes de 1516, não terá existido qualquer colônia, em Porto Seguro, que usurpasse os direitos humanos dos tupiniquins e experimentasse a sangrenta vingança. (WILLEKE, 1974, p. 24)

Entre o ano de 1500 e 1549 os franciscanos permaneceram presentes na extensa colônia como os únicos religiosos a desenvolverem o trabalho missionário entre todas as missões espalhadas por todo o litoral ou ao menos nas partes que até então já haviam sido desbravados. Esta etapa que podemos classificar como sendo a origem do cristianismo na terra de Vera Cruz notabiliza a importância dos franciscanos para a história da formação religiosa brasileira e não só isso como nos afirma Burity.

Essa presença não se limitou em apenas no trabalho catequético, mas tiveram, em anos posteriores, desdobramentos em ação educativa e cultural, mais profunda, em criações artísticas de forma exemplar, no campo da arquitetura, pintura, cantaria, talhas e azulejaria. (BURITY, 1988, p.25)

Muitas afirmativas históricas ainda precisam ser analisadas para entendermos melhor a participação das ordens religiosas no processo de formação das sociedades modernas. Algumas considerações podem ser ainda identificadas pelo próprio silenciamento da escrita historiográfica. Neste caso específico das ordens religiosas aconteceu de forma exacerbada uma centralização ou mesmo pouca visibilidade de outros grupos religiosos que para além dos jesuítas também deram sua contribuição em toda a história do Brasil – colônia. O fato da Ordem Franciscana não ser tão bem evidenciada possuindo esta uma presença significativa em todo o processo histórico demonstra as limitações que possuem as “verdades” já estabelecidas pela historiografia.

1.2. Fundação da “Custódia de Santo Antonio do Brasil”

A partir do crescimento e independência dos franciscanos no Brasil - colônia transformações importantes aconteceram na vida administrativa e pastoral da ordem, a

⁷ **Frei Manoel da Ilha** foi um dos cronistas franciscanos que conseguiu junto a outros frades portugueses se destacar na construção das narrativas da história da custódia franciscana, sendo que boa parte de suas obras foram transcrições das obras de Frei Vicente do Salvador. (WILLIKE, 1977. p. 57-58)

que mais surtiu efeito para o futuro da atuação evangelizadora dos religiosos foi à separação desta presença missionária na colônia em dois blocos, que atenderiam o norte e o sul do território brasileiro. Antes disso outros fatos marcaram a vida da fraternidade, a própria fundação da *custódia*⁸ ainda no século XVI em 1584 e sua conseqüente independência em 1647. Mais só em 1657 que a custódia foi elevada a categoria de *Província*⁹ autônoma de Santo Antonio do Brasil neste momento ainda era responsável, por administrar todo o território brasileiro que nesta época evidentemente tinha seu foco na área litorânea. Após todo o processo legal da autonomia frente à Província-Mãe portuguesa aumentavam as responsabilidades administrativas, ficava quase impossível para um prelado provincial exercer suas funções, dada a grande extensão do país, daí importância da atuação missionária franciscana em dois blocos naquele contexto histórico.

Dessa forma vai se desenhando um novo quadro de postura missionária dos franciscanos dentro do Brasil, precisando a ordem se adequar aos efeitos que as transformações políticas provocaram não só na fraternidade mais também na Igreja Católica que neste momento permanecia subserviente as vontades régias da coroa portuguesa. Durante a primeira reunião do Capítulo Provincial que aconteceu em 5 de novembro de 1659 criou-se a Custódia da Imaculada Conceição, com sede no Rio de Janeiro, ficando a ela subordinada os conventos franciscanos situados a partir do Espírito Santo ao extremo sul do país. Esta nova custódia, logo recebeu foros de Província autônoma em 1675.

Esta realidade permitiu aos frades franciscanos expandir sua presença por todo o território nacional diminuindo os riscos de um atrofiamento do número de religiosos pela colônia portuguesa, é certo que mesmo mudando a composição pastoral a ordem franciscana viria a sofrer sérios riscos de extinção nos séculos XVIII e XIX por conta das instabilidades políticas que vivia Portugal e conseqüentemente as suas colônias.

A Província Franciscana da Imaculada Conceição cumpriu assim papel fundamental para a difusão do franciscanismo no Brasil. Consta que esta Província nas

⁸ O termo **Custódia** significa estritamente 1- Ato de guardar algo ou alguém. 2-Guarda ou detenção de coisa alheia que se administra e conserva, até a entrega ao seu dono legítimo. 3- Guarda e proteção. 5- Objeto usado na prática religiosa católica para expor a hóstia. Conjunto de conventos com certa autonomia, aos quais faltam alguns requisitos para serem eretos em província. O respectivo superior regional chama-se custódio ou comissário. (WILLIKE, 1977. p.11)

⁹ A palavra **província** tem origem no latim *pro-* ("em nome de") e *vincere* ("vencer/dominar/controlar"), portanto, para os romanos, a província era um território sujeito à jurisdição de um magistrado que o controlava em nome do governo central. 2- Conjunto de conventos que constituem uma unidade com governo autônomo. O respectivo superior regional chama-se provincial. (WILLIKE, 1977. p. 11)

últimas décadas do século XVII ocupava mais padres entre os índios que todas as outras ordens juntas. Enquanto no norte os holandeses passaram 24 anos ocupando alguns estados da região, atrasando assim o trabalho missionário dos frades franciscanos e das outras ordens religiosas, o foco da catequese franciscana voltava-se à parte meridional do país, onde havia naquele momento doze conventos no sul que possibilitavam uma forte expansão do trabalho catequético.

A política dos franciscanos no sul seguia a mesma linha já executada no norte do Brasil, a fundação de missões no interior catequizando os índios sem pretensões de trazê-los para o litoral. Dessa forma os resultados eram garantidos e todos ganhavam com essa metodologia, melhor liberdade para os índios, melhores condições para a colonização no interior, maior segurança para os colonizadores e comércio com as tribos das colônias espanholas.

As circunstâncias das missões eram mais ou menos iguais, quer no Norte ou no Sul. Pouco se diferenciavam os índios daqui dos de lá. Nômades ambos de baixo estágio de cultura. O sistema de pastoreio missionário deve ter sido uniforme, já que os franciscanos da Paraíba até S. Paulo, até a ereção da Província do Sul, em 1675, pelo período de 1585, obedeciam a uma mesma direção e orientação provincial. Certo que uma ordem regular aceitava as boas experiências das outras, certo também que a junta das Missões, do Rio de Janeiro, exercia influencia sobre os métodos adotados pelas ordens desses missionários. (WILLEKE, 1974, p.118)

Esta realidade é compreensível porque no sul a vida e as missões religiosas se desenvolveram com menos riscos e melhores condições que no norte do Brasil nos primeiros séculos da colonização portuguesa, a situação geográfica favorecia, menores temperaturas, menores distâncias. O clima subtropical não propiciava os mesmos perigos de epidemia como no Norte. Mesmo assim existiam sacrifícios que dificultavam sobremaneira a participação dos religiosos em todo processo evangelização e colonização.

Em decorrência dos poucos registros existentes não podemos fazer um aprofundamento dos resultados do trabalho missionário realizado pela Província da Imaculada Conceição, o que se sabe a respeito é que na região sul os franciscanos atuavam em missões peregrinantes e assistiam continuamente a poucas aldeias, diferentemente dos franciscanos do norte que atingiam um número muito maior de aldeias. Segue o nome de algumas aldeias que receberam o trabalho desses missionários no sul do Brasil: Aldeia São João do Peruíbe (1692-1803), São Miguel Paulista (1698-

1803), Santo Antonio dos Guarulhos (1699-1758), Nossa Senhora da Escada (1734-1804), Cachoeira, Pedra e Tabatinga, Aldeias do Rio Grande do Sul.

O que se pode notar é que esta divisão em dois blocos dos religiosos franciscanos no Brasil ajudou a difundir de forma mais efetiva o carisma da ordem por todo o solo brasileiro, considerando que foram os religiosos franciscanos os primeiros a chegarem e os únicos a permanecerem na Colônia Brasil durante os cinco séculos de nossa história moderna.

1.3. Missões Franciscanas na Paraíba

Em todo o Brasil - Colônia as Ordens Religiosas foram responsáveis pelo anúncio da doutrina de Cristo: Jesuítas, Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas foram as que mais se destacaram nas missões de evangelização nas Américas. Em algumas regiões a participação dos missionários regulares contribuiu decisivamente para o futuro da organização política, social, cultural das incipientes populações miscigenadas que iam se formando durante o processo da colonização luso-espanhola.

No Brasil, a Capitania da Paraíba representou célula importante dentro do campo das missões empreendidas pelas ordens religiosas. Os Franciscanos como foco neste trabalho tiveram na Paraíba uma dimensão importante de sua atuação no nordeste do Brasil. Mesmo envolvidos entre as missões catequéticas (que representava a vontade divina: “vão pelo o mundo inteiro e anunciem a boa notícia para toda a humanidade.” (Lc-16,15) e a sua “obediência cega” à Coroa Portuguesa (os interesses econômicos, que tinha como lema: Dilatar a fé e o império) predominou por fim a força do carisma original, a luta pela fraternidade, predileção pelos mais fracos, enfim justiça aos injustiçados.

As Missões carregaram essas duas faces: uma que era ou se tornou mais forte a partir do embasamento da historiografia que afirma a subserviência e omissão da Igreja diante da escravização e dizimação indígena e negra. Esta era praticada pelos colonizadores através dos seus órgãos que eram as ordens religiosas nos séculos que marcaram esses eventos (XVI, XVII, XVIII e XIX). A outra face era a dos que corroboraram para uma verdadeira libertação daqueles que sofreram com os abusos da colonização européia e que por isso muitas vezes também foram perseguidos e mortos por demonstrar sua insatisfação diante dos métodos anti-civilizatórios executados.

Outros eram os métodos praticados pelos os frades franciscanos, estes buscavam integrar toda a família indígena na catequese estabelecendo contato entre os Padres Mestres e as lideranças nativas para que todos pudessem absorver o espírito cristão e os bons costumes.

Entre as condições estipuladas para os índios serem admitidos a recepção do batismo e dos demais sacramentos figuram sempre os mesmos pontos, como sejam a instrução cristã suficiente, abandono completo dos costumes pagãos, em particular, da antropofagia, o que permite a conclusão de que uma orientação uniforme se fez impor em todas as missões, partindo sem dúvida do próprio Custódio. É proverbial a pobreza e o desapego dos índios, contentando-se eles com o pouco que acham necessário para a vida primitiva. Essa pobreza foi dignificada pelos motivos cristãos da pobreza franciscana, que aos olhos dos silvícolas tanto contrastava com a ganância dos exploradores. Entretanto, o ideal da pobreza franciscana não impedia que os missionários introduzissem seus protegidos nas várias artes. Pois é notório que justamente os filhos de S. Francisco mais primavam pelo ensino das artes do que das ciências. (WILLEKE, 1977, p. 47-48)

As missões Franciscanas se desenvolveram na Paraíba de forma bastante acidentada principalmente por causa das variações dos obstáculos que intervieram durante os 30 anos (1589-1619) da sua atuação na Capitania. Para que acontecesse efetiva catequização das sociedades indígenas foi preciso enfrentar todas as dificuldades que impediam a desenvolvimento das organizações evangélicas. As limitações e urgências estavam por toda parte. As mais graves se concentravam na resistência indígena, questões estruturais que se refletia na falta de conventos para abrigar a fraternidade, empecilhos políticos de natureza civis e eclesiais durante os séculos de sua presença (traduzidos nas perseguições do governo da capitania paraibana), invasão holandesa, reformas pombalinas e rivalidade aos jesuítas.

Continuidade e superação dos obstáculos se estenderam a partir da constituição da custódia (1657) em província. Ainda no século XVII começaram a ser estabelecidos vários *decretos régios*¹⁰ que paulatinamente tentavam controlar a ordem franciscana entre outras. Nos séculos seguintes muitas estratégias dos superiores franciscanos conseguiram driblar as ordens régias a ponto não permitir a falência da fraternidade.

A maior e mais séria ameaça sofrida pelos franciscanos foi o decreto régio estabelecido por D. Pedro II que proibia a admissão de noviços na ordem, agora sem

¹⁰ Um **decreto** é uma ordem emanada de uma autoridade superior ou órgão (civil, militar, leigo ou eclesiástico) que determina o cumprimento de uma resolução. **Régio** adj. Que pertence, que diz respeito ou que emana do rei: ato régio. Logo um decreto régio significava uma lei estabelecida pelo rei que não podia ser questionada por nenhum outro poder, nem mesmo os poderes eclesiásticos. (Em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Decreto>> e <<http://www.dicio.com.br/regio/>>. Acesso em: 20 de junho de 2011.)

direito a concessões governamentais. Esta nova imposição política tentava sacramentar a história de uma vez por todas dos filhos de São Francisco no território brasileiro. Outras estratégias iriam permitir que a ordem franciscana continuasse a existir no Brasil. É o que iremos mais detalhadamente tratar nas questões que seguem a respeito das missões franciscanas.

1.3.1. A emergência da Catequese na Capitania da Paraíba

O início da Capitania da Paraíba se deu em meio a uma seqüência de necessidades, dentre as quais a mais urgente era a segurança dos colonos recém-chegados que já conheciam os riscos que os cercava. Os colonos eram estrangeiros (a maioria portugueses) desconheciam os hábitos nativos aos quais chamavam de índios ou selvagens. Num primeiro momento, por volta de 1585, quando a fundação da capitania paraibana fora oficializada, muitas tribos já resistiam a essa dominação portuguesa. Era necessário mais do que apenas bom número de colonos corajosos para ocuparem e desbravarem as terras do “novo mundo”. Eram trazidos para cá todos que estivessem interessados em conquistar riquezas, até mesmo pessoas criminosas vinham nas embarcações portuguesas envolvidas por esta propaganda da coroa lusa.

A catequese se destacava como sendo a melhor e mais eficaz função destes religiosos. A esta prática estava associada não só a pregação e a conversão a todo custo dos infiéis a Doutrina Cristã e Católica e ao Império português como nos é ensinado pela história oficial, mas, sobretudo, o estudo da língua nativa e o sentido de suas práticas culturais para melhor evangelizarem os pagãos. Observemos o que nos relata Willeke a respeito das habilidades imprescindíveis na catequese:

Entre os missionários franciscanos dessa época salientam-se, tanto pelos dotes naturais como pelos sucessos obtidos na conversão dos índios, dois irmãos carnis Frei Bernardino das Neves e Frei Manuel da Piedade, filhos do capitão João Tavares e de sua esposa D. Constancia Dias. Naturais de Olinda, ambos os franciscanos entendiam e falavam perfeitamente a língua dos indígenas, mostrando-se também familiarizados com a vida e costume da terra. O fruto que Frei Bernardino conseguiu na catequese dos índios era devido tanto ao zelo para salvação deles, como pela clareza com que lhes falava; assim se explica que o frade brasileiro era ocupado, de preferência, entre os índios, principalmente nas aldeias novas, servindo de interprete aos confrades que ainda não dominavam o idioma dos aldeados e chegando, no decorrer dos anos, a ser superior de uma ou outra missão. (WILLEKE, 1974, p. 53-54)

Na Capitania da Paraíba não foi diferente, longos anos foram precisos para se alcançar resultados satisfatórios na obra da catequese, várias foram as tentativas das

ordens religiosas que aqui estiveram buscando compreender e converter as populações indígenas a fim de que estes pudessem crer e assimilar a religião cristã e aceitar de bom grado a política européia.

Segundo Burity (1988) a ação catequética franciscana neste aspecto se tornou fundamental, pois eram grandes a insegurança e o medo entre os habitantes em virtude das repetidas hostilidades dos indígenas. Foi assim que logo Frutuoso Barbosa, um dos conquistadores da região, tornou oficial a solicitação para que fosse fundado um convento franciscano na Capitania, tamanho era o desejo dos habitantes de *Filipéia de Nossa Senhora das Neves*¹¹ em ter seu convento Franciscano. Para isso, de forma muito rápida se conseguiu arrecadar contribuições e esmolas para que fosse construída a casa religiosa.

A ação catequética marcaria a vida dos religiosos franciscanos com a fundação de sua primeira casa na Capitania da Paraíba (Ilustração 01). Este concretizou um antigo sonho dos irmãos franciscanos que há muitos anos buscavam um abrigo seguro que lhes possibilitassem trabalhar na catequese com mais segurança e devoção e esta obra deixaria gravada concretamente à sua presença na história regional.



Ilustração 01: Convento de Santo Antonio em João Pessoa-PB

¹¹ No ano da fundação do município, no dia 5 de agosto de 1585, a padroeira do município, Nossa Senhora das Neves, foi à homenagem, dando o primeiro nome ao município, "Povoação de Nossa Senhora das Neves", variando para **Cidade de Nossa Senhora das Neves** em 1589 e Cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves em 1600, em homenagem ao rei Felipe da Espanha. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Pessoa>. Acesso em: 20 de junho de 2011.)

O convento de Santo Antonio tornou-se assim o sustentáculo da ação missionária dos franciscanos na Paraíba a partir de 1589 quando começou a ser construído. Porém, no ano de 1593, em razão de discussões entre o Governador Feliciano Coelho de Carvalho e os frades franciscanos as obras do convento foram interrompidas atrasando assim a conclusão da obra sacra.

É importante ressaltarmos que esta fase da presença franciscana na Capitania da Paraíba (1589 – 1619) marcou especificamente o tempo em que a ordem esteve engajada nos trabalhos da catequese das aldeias e colônias. Compreendemos dessa forma que as bases da estrutura colonial que se ergueram fortemente através dos investimentos das empresas eclesiais (que foram as ordens religiosas e a ordem franciscana até 1619) prestaram relevantes serviços à coroa portuguesa, não só no trabalho em si das missões evangélicas, mas também na construção de fortes e administração das aldeias e tribos indígenas rebeldes que precisavam continuamente ser pacificadas para que funcionasse qualquer pretensão colonizadora.

Até 1619, aproximadamente, como já afirmamos, os franciscanos ocuparam com zelo dedicação dessas numerosas missões, no entanto o prelado de Pernambuco resolveu, nessa época, entregar toda a catequese dos indígenas aos representantes do Clero secular. Como eles não estavam preparados para a árdua missão o trabalho catequético não desenvolveu. O Próprio Rei e o dito prelado solicitaram aos frades franciscanos que voltassem as missões, mas estes recusaram. (BURITY, 1988, p.34)

Segundo Burity (1988) a caminhada dos frades franciscanos depois da entrega das missões catequizadoras na Paraíba em 1619 foi com o passar do tempo mais caracterizada a uma presença conventual que missionária. Paulatinamente limitou-se ao culto divino e a administração dos sacramentos. Até mesmo seus ideais de pobreza e simplicidade franciscanos, vivenciados e ensinados por São Francisco de Assis, perderam valor, prevalecendo então, a preocupação com as construções monumentais estilo barroco do século XVIII.

Outra versão histórica de Willeke (1974) diz que, terminada a participação franciscana missionária na catequese da Paraíba e livres das perseguições, os frades não abandonaram por completo a catequese entre os índios, pois em 1634 a ordem franciscana enviou frades recém chegados de Portugal à Olinda para o *Comissariado do*

*Grão-Pará*¹², a fim de darem continuidade ao árduo ministério. As duas províncias franciscanas continuaram a receber frades de Portugal até a “Independência do Brasil em 1822”.

No século XVII algumas páginas da história franciscana e das outras ordens e congregações foram rasuradas. O trabalho da catequese que já fora realizado com sucesso até aquele momento de forma quase ininterrupta no Brasil – colônia e principalmente no nordeste sofreu um bloqueio que durou 60 anos (1619-1679). As invasões holandesas paralisaram o apostolado dos religiosos e determinaram quase que um retrocesso da caminhada, os batavos invadiram os seis conventos franciscanos entre Pernambuco e Paraíba, exilaram mais de 40 frades franciscanos e até assassinaram brutalmente alguns destes. Assim, ficam bastante claras por quais razões as missões foram paralisadas. Foram longas seis décadas para que se pudessem recuperar os conventos e retomar as missões, apenas em 1654 os holandeses foram vencidos pelos portugueses e população.

Nesta segunda metade do século XVII os franciscanos recomeçaram suas atividades missionárias trabalhando nas tropas coloniais, exercendo muitas vezes a função de capelães militares que, auxiliadas pelos índios batizados, submetiam outras tribos e estendiam o domínio português sobre os sertões do nordeste.

A passagem dos franciscanos nesta etapa da Capitania da Paraíba e Brasil nos faz entender qual foi importância dos grupos religiosos dentro desse processo histórico colonial, porque na maioria das vezes apenas os enxergamos como os que contribuíram em benefício das pretensões colonizadoras, em detrimento dos índios. Os franciscanos, por exemplo, durante os 30 anos em que estiveram à frente da catequese na Paraíba trabalharam com afinco mesmo tendo em grande parte de sua missão e método evangelizador condicionado ao projeto colonizador, ao qual deviam se adaptar. Os frades franciscanos após alguns anos inconformados com as freqüentes injustiças e abusos praticados pelos colonos que a todo custo pretendiam escravizar os índios e muitas vezes matá-los, decidiram não ficar calados e começaram a prejudicar os planos da coroa portuguesa que era unicamente o de explorar ao máximo a terra, a floresta e as pessoas nativas.

¹² **Comissariado do Grão-Pará** (Maranhão-Pará) foi o início do processo da formação da primeira custódia do norte do Brasil colônia no século XVII. Nesta região os franciscanos tiveram boa repercussão no seu apostolado e aí conseguiram consolidar a presença franciscana através do comissariado e posteriormente de uma custódia. (WILLIKE, 1977. p.11)

Outro motivo que causou prejuízos significativos para a catequese franciscana no Brasil foi todo o tempo em que os religiosos permaneceram condicionados a pouca compreensão da Província portuguesa de Santo Antonio não existia uma contínua orientação antes ou depois da fundação da custódia.

As duas fases que estabeleceram o pioneirismo promissor franciscano, entre 1500-1584 e 1589-1659, se devem muito mais ao espírito missionário dos religiosos que aqui estiveram do que a um bom gerenciamento provincial. Talvez por isso durante o tempo em se manteve ativa, entre os anos de 1585-1619, as missões catequéticas franciscanas na Paraíba não tenham conseguido desenvolver originalmente um método missionário ou um sistema baseado em normas estabelecidas e sancionadas pela Província-mãe portuguesa.

1.3.2. Obstáculos Políticos na trajetória Missionária no Brasil

Muitos empecilhos fizeram parte da caminhada dos religiosos franciscanos durante a história no Brasil e na Paraíba. Algumas dificuldades merecem certo destaque devido aos impactos causados na vida da ordem e de forma geral no contexto histórico dos séculos que seguem os eventos. Fato interessante é que os obstáculos que interferiram na trajetória missionária tinham em sua maioria um caráter político governamental.

É compreensível que todos os problemas enfrentados pelas ordens religiosas durante o Brasil - colônia tenha condicionado bastante a trajetória da vida de todas elas. Algumas foram mais prejudicadas que outras, por exemplo, o caso da Ordem dos Jesuítas é singular, três vezes foram expulsas da Capitania da Paraíba e três vezes voltaram ela. Fato inegável é que, sem exceção, tanto jesuítas quanto franciscanos, beneditinos e carmelitas pagaram um preço muito alto por, no decorrer de sua passagem pelas capitâncias, discordarem de seus governos em relação principalmente ao direcionamento da catequese já que os projetos colonizadores e eclesiais se coadunavam até certo ponto.

As interferências políticas em todo o processo de desenvolvimento das missões não tinham como deixar de influenciar nas diretrizes que tomaram a colonização. Desde o princípio das pretensões da Coroa portuguesa as ordens religiosas funcionaram não só como representantes eclesiais, mas também como “empresas auxiliares” que de forma

consciente ou não contribuíram para fortalecer o domínio português nas terras do “Novo Mundo”. A Igreja e o Estado caminhavam juntos, por isso os interesses de um repercutiam no outro. Essa realidade se refletiu igualmente nas Capitânicas Hereditárias onde muitas vezes aconteceram conflitos entre as duas forças políticas¹³.

1.3.2.1 Governador: Feliciano Coelho de Carvalho (1592-1600)

Segundo os registros históricos um dos mais sérios obstáculos que puseram em risco o trabalho dos franciscanos e dos Jesuítas na Capitania da Paraíba foi à administração do Governador geral Feliciano Coelho de Carvalho. Já no início de seu governo (1592-1600) foram múltiplas as divergências com os religiosos.

Os motivos que geralmente causavam atritos entre as autoridades políticas e os missionários do *baixo clero* se referiam quase sempre à catequese que os religiosos desenvolviam junto às tribos indígenas.

Desde início da colonização aconteciam muitos abusos dos colonos sobre os índios, a ação que mais circundava a todo o processo civilizatório europeu era o de escravização por considerarem todos os habitantes desta terra selvagens e sem cultura. Motivados pela vontade de rapidamente se estabelecer no território impunham sua cultura e rejeitavam qualquer possibilidade de aculturação inversa. Era inimaginável acreditar ou defender qualquer direito dos índios sobre os da Nação Santa e Católica Cristã Portuguesa.

O Governador geral da Capitania da Paraíba, Feliciano Coelho de Carvalho, movido por estes sentimentos “patrióticos” e tendo assumido o cargo sob a responsabilidade de dar continuidade a um intenso cerco e combater aos *Potiguaras* que vinham causando muitos danos à capitania em governos anteriores ao seu, decidiu combater também os que ele considerava como culpados pelos constantes ataques indígenas, os frades franciscanos, que naquele momento substituíam a pouco os jesuítas.

¹³ As capitânicas foram uma forma de administração territorial do império português uma vez que a Coroa, com recursos limitados, delegou a tarefa de colonização e exploração de determinadas áreas a particulares, através da doação de lotes de terra, sistema utilizado inicialmente com sucesso na exploração das ilhas atlânticas. No Brasil o sistema ficou conhecido **Capitânicas Hereditárias**. Só sendo extinto pelo Marquês de Pombal, em 1759 - a hereditarietà foi abolida, mas a denominação capitania não (Em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Capitânicas_do_Brasil>. Acesso em: 21 de junho de 2011).

Um das primeiras ações do governador Feliciano Coelho contra os franciscanos no início de seu mandato, em 1593, foi à interrupção das obras do complexo do Convento de Santo Antônio. O impedimento de conclusão do prédio pôs em risco a permanência dos religiosos e a continuidade das missões na região Norte da colônia, além de que a Custódia já estava fundada e funcionando plenamente.



Ilustração 02: Igreja de São Francisco - PB

Durante os oito anos em que Feliciano Coelho de Carvalho permaneceu como Governador-geral da Capitania da Paraíba foram quase todos os momentos marcados por crises e agitações que só pioravam as suas relações com as instituições religiosas, especialmente o clero regular.

As chances de qualquer acerto entre todas as partes dessa complexa conjuntura social no século XVI diminuía cada vez mais com o passar dos anos. Os religiosos não abriam mão de combater as heresias religiosas¹⁴ e os abusos cometidos pelos colonos portugueses, que teimavam em rechaçar os índios nas suas tribos e também combatiam fortemente os que eram responsáveis pelo “amansamento” dos ditos selvagens: os frades franciscanos, padres jesuítas, frades carmelitas e monges beneditinos, que na Paraíba e no Brasil - colônia atuavam em suas respectivas missões.

¹⁴ O termo **heresia** foi utilizado primeiramente pelos cristãos, para designar idéias contrárias à outras aceitas, sendo aquelas consideradas como "falsas doutrinas". Foi utilizado tanto pela Igreja Católica como pelas Igrejas Protestantes, ambas argumentando que heresia é uma doutrina contrária à Verdade que teria sido revelada por Jesus Cristo, ou seja, que é uma "deturpação, distorção ou má-interpretação" da Bíblia, dos profetas e de Jesus Cristo - bem como do magistério da Igreja no colégio apostólico, no caso da Igreja Católica e dos primeiros cristãos (Em:< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Heresia>>. Acesso em 21 de junho de 2011).

Novas provocações sobrevieram às missões com a vida desregrada de muitos colonos e mamelucos, com as injustiças feitas aos índios e com a ganância desmedida dos proprietários. Quando os missionários repreendiam o escândalo público eram caluniados e perseguidos pelos maus elementos. E como a péssima conduta de Feliciano Coelho merecesse censuras, também este começou a indispor-se com os franciscanos, contestando-lhes “a autoridade do governo temporal dos catecúmenos”, rebaixando-os perante os aldeados, recriminando o sistema missionário da Ordem e facultando aos súditos da missão a prática ou o abandono da religião católica. (WILLIKE, 1974, p. 52)

No último ano do governo de Feliciano Coelho de Carvalho, em 1600, com a sua transferência é que chegaram ao fim as perseguições. Os franciscanos novamente retomaram as antigas aldeias e outros três novos centros entre os potiguaras, sendo cada um deles ocupados por quatro frades.

Os primeiros anos da atuação franciscana missionária na Paraíba começaram dessa forma, com algumas outras desventuras que certamente ajudaram a preparar os frades a enfrentar diversas situações durante a longa jornada dos cinco séculos de presença no Brasil nas etapas de sua formação social, política, econômica e cultural.

1.2.3.2 Rivalidade entre franciscanos e Jesuítas

Existiu, além dos problemas políticos externos à realidade eclesial, nos primeiros passos da vida missionária no Brasil – colônia, confrontos entre as organizações religiosas. Não parece normal enxergarmos desencontros nestas alas da colonização portuguesa, afinal, tinham os mesmos objetivos ideológicos, integravam aparentemente poderes compatíveis representados pela Igreja Católica e a Coroa portuguesa e havia convicção de que participavam do mesmo projeto. Isto fica-nos bastante claro no lema português diante das navegações marítimas: “Dilatar a fé e o império”, por todos os lugares, civilizando, convertendo e salvando almas para Cristo. Estas eram verdades inquestionáveis naquele mundo em transição.

A mentalidade que envolvia os que chegaram neste “Novo Mundo” permeava essas condições espirituais e profanas. Todos caminhavam juntos, mas sabiam quais eram os interesses e funções particulares de cada um. A coroa portuguesa, como a grande maioria das nações católicas, buscava expandir seu poder político através da exploração de outras que não possuíam tecnologia suficiente para vencê-los e a Igreja Católica expandia igualmente seu poder político através da propagação do evangelho de Cristo e da perseguição dos movimentos heréticos que ameaçam sua hegemonia religiosa.

A disputa política também atingiu internamente as duas ordens missionárias que mais contribuíram com expansão do cristianismo e a implantação do sistema colonizador nas Américas: Jesuítas e Franciscanos.

Como observamos no início deste capítulo, até 1549 os franciscanos eram os únicos religiosos presentes na colônia portuguesa, e de forma esporádica mantiveram-se até a fundação da custódia franciscana em 1585, estabelecendo-se após essa data. Os Jesuítas diferentemente dos franciscanos chegaram em 1549, quinze anos após a fundação da Companhia de Jesus por Inácio de Loyola e companheiros e aprovada pelo Papa Paulo III em 27 de setembro de 1540. Chegando ao Brasil expandiram rapidamente a catequese através da construção de um colégio em Salvador na Bahia e fundaram a Província Brasileira da Companhia de Jesus.

Os registros mostram que a catequese propriamente dita se desenvolveu de forma mais efetiva no Brasil – colônia só nas últimas décadas do século XVI. Os dados que revelam as ações anteriores a 1589 a respeito da catequese dos franciscanos e Jesuítas confirmam que, anterior a esta data, limitavam-se a ações missionárias momentâneas e que não resultavam em conversões numerosas. Na Ilustração 03 observamos uma pintura que nos ilustra o exercício das primeiras catequese jesuítas nestas terras brasileiras.

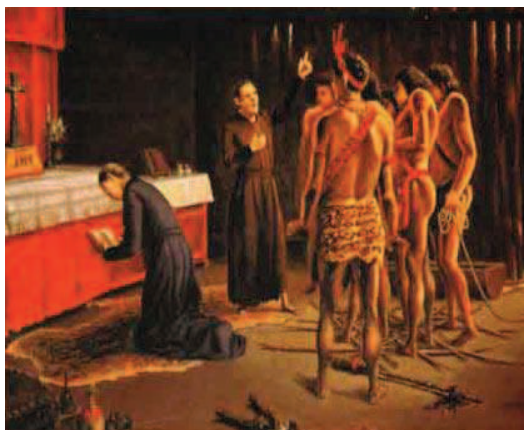


Ilustração 03: Primeiras catequese jesuítas no Brasil.

As missões que até aqui apresentamos como sendo a principal atividade pastoral dos religiosos serviram para além dos interesses políticos da colonização portuguesa. Elas promoveram também a defesa dos índios no decorrer do processo civilizatório, por isso foram alvos de perseguições ferrenhas por parte de colonos, governadores provinciais e reis.

Mas a história das primeiras ordens religiosas presentes no Brasil – colônia não se resume a esta integração plena que geralmente encontramos nos documentos históricos. A catequese também foi motivo de disputas entre as “empresas” eclesiais que promoviam a colonização e o anúncio evangélico. Na Paraíba encontramos já no início da intensificação da catequese (1583) vários problemas relacionados às missões nas aldeias e colônias, que demarcam certas confusões e contradições entre as atividades pastorais dos franciscanos e jesuítas.

Desde o início do trabalho catequético na Capitania da Paraíba e no Brasil podemos dizer, desconsiderando a fase que se refere as cinco primeiras décadas do Brasil – colônia, onde ainda as missões não passavam de atuações ocasionais sem qualquer organização estratégica, o que alimentou entre os franciscanos e jesuítas certas desarmonias.

Os primeiros governos da Capitania paraibana encontravam nas ordens religiosas fortes oposições ao escravismo indígena e por essa e outras razões continuamente buscavam interromper os trabalhos missionários nas aldeias alegando que estas organizações beneficiavam os índios. No governo de Frutuoso Barbosa, perante a Câmara da Cidade Filipéia (Paraíba) em 1589, por exemplo, este solicita ao poder régio a transferência das missões localizadas em seu território, passando-as dos jesuítas para os franciscanos, estes primeiros que há alguns anos catequizavam essa região e defendiam o quanto podiam a liberdade de certo número de aldeias.

Os desentendimentos entre o governo paraibano e os padres jesuítas provocaram um declínio bastante significativo na prática de sua catequese. Estes pareciam usar uma metodologia diferente dos franciscanos que eram menos rígidos.

Uma das possibilidades que podem justificar os motivos das disputas entre os religiosos é que os cronistas franciscanos alegam que seus missionários pediam aos seus aldeados tributos mais suaves que os jesuítas, contentando-se como o que fosse indispensável para o sustento pessoal, segundo a vontade de São Francisco e a pobreza seráfica. O Padre jesuíta Serafim Leite, fiado aos arquivos e autores da própria Ordem, contradiz essa versão afirmando que o motivo real das brigas estava mais centrado na causa da confusa demarcação das missões jesuíticas e franciscanas.

Mesmo possuindo os inacianos uma presença mais efetiva nas aldeias, não conseguia pacificar a todos os grupos indígenas. Foi justamente esta uma das principais razões que trouxeram os frades franciscanos à Paraíba, pacificar os rebeldes potiguaras que afligiam a cidade de Filipéia em constantes ataques.

Todas as rivalidades entre os missionários franciscanos e jesuítas sejam aquelas criadas pelas condições políticas ou mesmo as que resultaram como consequência do mau gerenciamento das missões no Brasil – colônia principalmente no período mais forte da catequização na Paraíba que no caso franciscano se deu entre (1589-1619) enfraqueceram sensivelmente o ritmo da evangelização e causou um desgaste da imagem dos religiosos regulares perante a sociedade em formação.

O quanto mais se agravava a crise entre as ordens religiosas, mais se interessava o governo colonial, pois este alimentava as antigas insatisfações aos jesuítas que combatiam na Paraíba a escravidão indígena e conseqüentemente atrapalhavam seus negócios lucrativos que utilizava esta mão de obra.

No decorrer da presença franciscana na Paraíba, depois que foram expulsos os jesuítas em 1593, foram mais 27 anos de atividades missionárias franciscanas. Durante esse tempo, vários foram os embates que posicionaram os religiosos contra os governos coloniais por serem contra a escravidão indígena. Sua presença se fez igualmente aos jesuítas ameaçados quando estes exacerbaram as críticas a alguns colonos que eram protegidos do governador e escandalizavam a comunidade com seus costumes desregrados, e que acabavam transformando os indígenas em escravos.

1.2.3.2 Invasão Holandesa (1634-1654)

O século XVII, entre os anos 1619 -1679, marcou o caminho dos religiosos franciscanos, demais ordens e toda a população do Brasil - colonial por um motivo importante: a interrupção das missões causadas por alterações na política internacional. Esta etapa para os religiosos conta-se a partir do fim da catequese no solo paraibano, período que se dedicaram como diz Burity (1988), a uma vida mais conventual, limitando-se ao culto divino e a administração dos sacramentos em detrimento das missões. É que as ameaças holandesas que se desenhavam desde o final do século XVI (quando atacaram em 1595 o Recife e a Bahia em 1599) por causa da expansão econômica das colônias portuguesas na América do Sul em decorrência da União Ibérica, foram concretizadas e provocou uma verdadeira revolução na vida da colônia. As invasões dos batavos causaram uma paralisação quase que total no apostolado dos religiosos no nordeste, ocuparam todos os seis conventos franciscanos entre

Pernambuco e Paraíba enquanto mais de 40 frades franciscanos foram exilados e alguns assassinados pelos invasores.

Os holandeses chegaram ao Brasil motivados por um cenário político que havia se modificado com o passar dos anos no domínio da Dinastia Filipina sobre Portugal (União Ibérica, no Brasil). Importante lembrar que no início da colonização portuguesa os holandeses foram os que por empréstimos, refino e distribuição do açúcar no mercado europeu ajudaram os portugueses a estabelecer a colonização nas novas terras coloniais. Os holandeses, em guerra com a Espanha, foram proibidos de continuar participando dos negócios açucareiros no Brasil. Este fato motivou a ocupação holandesa no nordeste brasileiro por mais de vinte anos. A respeito das relações holandesas com o Brasil e Espanha que causaram as invasões nos esclarece Campos:

O antigo comércio entre portugueses e holandeses foi proibido por Filipe II, mas não se verificou uma completa interrupção dessas relações econômicas, sobretudo ao longo da trégua de doze anos estabelecida no reinado de Filipe III. Grande parte do açúcar produzido no Brasil continuava a ser enviado para as refinarias da Holanda que também, além de distribuir o produto pela Europa, financiava, através de seus banqueiros (muitos dos quais eram cristãos-novos portugueses), a instalação dos engenhos. O fim da trégua com os holandeses, em 1621, e a retomada dos conflitos europeus, colocou em risco os domínios portugueses dispersos pelo mundo. O comércio com o oriente de maneira acentuada. As especiarias, o ouro africano e diversos outros produtos abasteciam os mercados europeus, trazidos por navios holandeses e ingleses. Em 1623, a Bahia, capital do Brasil, foi conquistada pelos holandeses, que só seriam expulsos no ano seguinte. Em 1630, os flamengos ocuparam Olinda e Pernambuco, estabelecendo seu domínio sobre a principal região canavieira da colônia. O açúcar, cada vez mais, ia tornando-se um negócio holandês. (CAMPOS, p. 65-66)

Os efeitos da longa ocupação holandesa no Brasil – colônia atingiu a todos independentemente da classe social. A burguesia lusitana de porte intermediário, enriquecida pela exploração e comercialização do açúcar brasileiro, teve seus negócios ameaçados, porém, a que sofreu perseguição voraz foi a Igreja em particular as ordens religiosas que representavam a oposição missionária católica contra os calvinistas¹⁵ batavos. Assim todos como índios, negros, mestiços, portugueses, espanhóis lutaram contra o inimigo comum da religião e da pátria.

¹⁵ O **Calvinismo** é tanto um movimento religioso protestante quanto uma ideologia sociocultural com raízes na Reforma iniciada por João Calvino em Genebra no século XVI. O Calvinismo marca a segunda fase da Reforma Protestante, quando as igrejas protestantes começaram a se formar, na seqüência da excomunhão de Martinho Lutero da Igreja Católica romana. Nos Países Baixos, os calvinistas estabeleceram a Igreja Reformada Neerlandesa. (Em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Calvinismo>>. Acesso: 21 de junho de 2011).

Dessa forma, podemos entender como e porque foram interrompidas as missões durante praticamente 60 anos, pois não foi possível assim que foi expulso o holandês reiniciar o trabalho da catequese imediatamente, afinal, muito do que arduamente havia sido construído a mais de cem anos fora completamente destruído ou danificado, frades mortos, conventos arruinados, prejuízos que certamente comprometeram a seqüência missionária exitosa dos religiosos franciscanos e das outras ordens que sofreram nestes tempos da afirmação da futura nação brasileira.

Segundo Burity (1988) na Paraíba e no governo de Antonio de Albuquerque (1627-1634) também os holandeses desenvolveram intensa perseguição sobre os religiosos e a igreja, além de expulsarem o governador com o qual se retiraram muitos dos povos e algumas famílias particulares, tomou os conventos dos religiosos ficando estes desamparados e utilizaram suas casas como fortaleza. O convento de Santo Antônio tornou-se então o quartel general e residência do governador, tudo foi alterado na capitania paraibana. A cidade passou a se chamar Frederica em homenagem a Frederico, príncipe de Orange, e tornou-se governador da Capitania da Paraíba e Rio Grande do Norte, o Conselheiro político Servais de Carpentier.

É bom lembrar que vários personagens se destacaram no processo das invasões batavas no Brasil – Colônia, principalmente no que se refere à contribuição de uma resistência ativa por parte dos religiosos. Segundo Willeke (1974), um dos frades franciscanos que podemos destacar como referencia dos que morreram em combate as invasões citadas foi

Várias foram às formas encontradas pelos missionários de combaterem os holandeses, a principal delas estava centrada na grande influência que estes possuíam diante das tribos indígenas. A ninguém mais era dado tanto espaço para transitarem entre eles como aos religiosos regulares, principalmente os franciscanos, que utilizavam desta amizade para engrossarem as frentes contra os inimigos hereges calvinistas na defesa do mundo português colonial e católico em que viviam.

Segundo Ilha (1621) apud Willeke (1977) é de se questionar e admirar como os franciscanos resolviam este problema do estabelecimento das relações com as tribos hostis? Havia tribos bastante belicosas como a Caetés¹⁶ e o Potiguará, e eles partindo do

¹⁶ Os **caetés** (*Kaeté*) eram um povo indígena tupi-guarani brasileiro. No século XVI habitavam o litoral brasileiro entre a foz do rio São Francisco e a ilha de Itamaracá, na foz do rio Paraíba, numa área limitada ao norte pelas terras dos potiguaras e ao sul pelas dos tupinambás. Com a chegada dos europeus, emigrou para o Pará. Os índios desta tribo, que praticava o canibalismo ritual, comeram o primeiro bispo do Brasil,

axioma de que os índios se deixavam impressionar com provas de coragem nos maiores perigos. Os franciscanos ignoravam tais perigos e conseguiam penetrar as tribos ferozes tendo apenas a cruz como arma, pregando-lhes destemidamente, assim conquistava pela coragem a admiração indígena que logo aceitavam as visitas regulares dos missionários.

Maiores hostilidades, porém foram encontrados entre os “civilizados” estrangeiros europeus que lutavam pelo o domínio dos territórios coloniais portugueses. A razão de toda a violência utilizada no processo colonizador (e não só nas invasões holandesas) se deu em grande medida por esta consciência de que apenas por meio da guerra dizimatória se poderia alcançar os objetivos pretendidos pela política – econômica das nações.

Por causa das invasões batavas as atividades dos franciscanos na Paraíba foram absolutamente prejudicadas ou quase anuladas em relação a sua presença missionária. Tanto é que no convento de Santo Antônio, entre os anos de 1645 e 1654, nenhuma ação religiosa pode ser executada devido o domínio dos prédios sacros. Esse período que marcou as invasões holandesas no Brasil – colônia representou a etapa que mais comprometeu o ainda prematuro desenvolvimento da incipiente “nação brasileira”. Mas, sobretudo, serviu para criar uma consciência na população que começava a forjar uma identidade que fortalecia o sentimento de pertença ao espaço que habitavam mesmo diante de toda a miscigenação étnica que sempre a caracterizou desde o início da colonização européia e a conseqüente introdução dos africanos ao mundo indígena.

1.4. Olhar Sobre a História Franciscana

Tudo o que já tratamos a respeito da vida e caminhada franciscana no Brasil e Paraíba até aqui nos evidencia que a presença desses religiosos e das demais ordens regulares em nosso território possui um teor histórico relevante para a formação da sociedade brasileira em diversos aspectos, independentes da vertente religiosa. Na

D. Pero Fernandes Sardinha, cujo navio em que regressava a Portugal naufragou nas costas da foz do rio Coruripe, junto a outros cem náufragos. Depois de serem acusados de devorar o bispo, foram considerados "inimigos da civilização", e alvos de implacável perseguição pelos colonizadores, o que provocou sua migração para o norte e internação no território, sendo finalmente extintos. Ainda hoje, no Nordeste do Brasil, podem-se encontrar alguns descendentes do povo caeté em aldeias da região de Alagoas. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caet%C3%A9s_%28tribo%29>. Acesso em: 21 de junho de 2011).

Paraíba especificamente esta presença evangélica foi determinante para que se pudesse durante o processo de desenvolvimento da sociedade se alcançasse níveis consideráveis no progresso principalmente humano e cultural em escala nacional e regional.

Todas as dificuldades encontradas na história dos franciscanos aqui na Paraíba refletem um pouco sobre a dura realidade vivenciada pelos os religiosos no contexto anterior ao século XX, período em que se estabeleceram em Campina Grande, seja nas missões catequéticas, na construção dos grandes conventos e mosteiros, na vida pastoral de auxílio espiritual e social a população, podemos assim compreender com mais precisão os diferentes momentos da história desta importante representação católica cristã.

Desde a chegada a Capitania da Paraíba, em meados do século XVI até mais ou menos em fins do século XIX, muitas foram às tentativas de expulsão da ordem franciscana desta região, mas bravamente persistiram os frades, objetivando continuar sua presença missionária sob a guarda e comando da Província Santo Antonio do Brasil. Algumas crises de caráter eclesial e principalmente da política governamental civil puseram em risco a existência da ordem no Estado paraibano e no Brasil. Podemos citar como causadores dessas fases: a longa dependência administrativa a província portuguesa de Santo Antonio em Lisboa e posteriormente a província alemã de Santa Cruz da Saxônia, ausência de diretrizes condizentes com a realidade brasileira, as rivalidades eclesiais no contexto colonial, as perseguições políticas provinciais, a carência de vocações nacionais, etc.

Estes são alguns pontos que merecem ser destacados de forma geral, e mais especificamente voltados para a Paraíba e que posteriormente ganharão certo destaque no capítulo a seguir, quando trataremos mais objetivamente da atuação da ordem nas terras da Rainha da Borborema, Campina grande-PB.

2- PRESENÇA FRANCISCANA NA CIDADE RAINHA DA BORBOREMA

Efetivamente os franciscanos só se estabelecem na Cidade de Campina Grande no início da década de 1940, período em que se inicia a construção de algumas residências (conventos e mosteiro). Segundo Uchôa (1964), “no início da povoação de Campina Grande em 1698, Teodósio de Oliveira Ledo¹⁷ trouxe um frade do convento de São Francisco da capital da Capitania, na missão de catequizar os índios. Nessa época, para exercer suas atividades, o padre construiu uma casinha, feita de humilde feita de taipa, para servir de igreja, realizando missas e batismos. Algum tempo depois, por autorização real 25 mil réis foram doados para cada Aldeia ou Capela, em forma de ajuda. O frade utilizou esta quantia para reformar a igreja do lugar. Esta igreja continuou existindo, com melhorias graduais. No ano de 1753 foi reformada e aumentada, e quarenta anos depois em 1793 ganhou novos investimentos em sua estrutura ganhando aspectos parecidos com a que conhecemos hoje: assim resume-se a história da antiga e pequenina igreja de taipa que se tornou a "Catedral Nossa Senhora da Conceição, Catedral de Campina Grande. Talvez este seja o trecho documental que revele o primeiro contato, o “pontapé” inicial da profunda relação que se estabeleceu entre a ordem franciscana e a promissora cidade da Borborema.

Neste capítulo discutiremos como se deu esta presença franciscana em Campina Grande, considerando sua participação na construção e formação da cidade como representação religiosa que detém um poder político e cultural nas macro e micro-estruturas. Utilizaremos o conceito de representações de Roger Chartier, para analisarmos melhor como os frades da ordem franciscana com o tempo conseguiram se estabelecer na cidade de Campina Grande.

¹⁷ **Teodósio de Oliveira Ledo** foi Capitão-mor, A história do surgimento de Campina Grande, assim como de várias cidades do interior paraibano, foi trilhada a partir dos feitos da família dos "Oliveira Lêdo", portugueses que residiam na região da Bahia próxima ao Rio São Francisco, que hoje integra o estado de Sergipe, e que partiram de lá, em 1664, para explorar uma sesmaria que lhe havia sido concedida ao longo do Rio Paraíba. Foi a Teodósio de Oliveira Lêdo a quem se credita o título de “fundador de Campina Grande”. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teod%C3%B3sio_de_Oliveira_Ledo>. Acesso em: 21 de junho de 2011).

2.1 Representações, Origens Religiosas e Franciscanismo em Campina Grande

A cidade de Campina Grande desde os seus primórdios se tornou um espaço de intensa vida religiosa baseada nos ritos e devoções católicas propagados pelos diversos agentes da “Santa Igreja”. Ainda cedo, no século XVII (1697), quando nasceu o povoado (Sítio das Barrocas), muitas representações religiosas como Jesuítas, Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas fincaram suas raízes, profundas ou não, nesta região que viria a ser uma das mais influentes na Capitania e mais tarde no Estado da Paraíba. Notadamente o desenvolvimento político, econômico e cultural da conhecida e futura Cidade Rainha da Borborema¹⁸, nos seus primórdios, aconteceu muito singularmente devido tanto a sua localização geográfica como também por sua força política representada pelo clero regular e secular que aqui passaram ou permaneceram.

As bases sólidas, que foram as ordens religiosas na história do Brasil, serviram com muita eficácia para que fossem fundadas muitas cidades em todo país. Campina grande, no início de sua formação, se desenvolveu em grande medida sob o olhar auspicioso dessas organizações cristãs, elas detinham poder político representativo suficiente para transformar determinadas realidades naquele contexto colonial, pois falavam pela Igreja e participavam diretamente junto à coroa portuguesa do plano civilizatório europeu (principalmente Jesuítas e Franciscanos). Através de suas práticas rituais conquistaram admiração e respeito e desenvolveram inevitavelmente uma cultura religiosa bastante peculiar na sociedade, em nível local, regional, nacional e latino-americano. Dessa forma se tornaram parte integrante da vida cultural destas sociedades e se estabeleceram na história cultural desses espaços legitimando-se como verdadeiras bases culturais.

A História Cultural, esclarece Chartier (1990), é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Portanto, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por

¹⁸ **Borborema** localiza-se no interior do estado da Paraíba, no agreste paraibano, na parte oriental do Planalto da Borborema, na serra do Boturité/Bacamarte, que estende-se do Piauí até a Bahia. Está a uma altitude média de 555 metros acima do nível do mar. A área do município abrange 599,6 km². Campina Grande exerce grande influência política e econômica sobre o "Compartimento da Borborema", que é composto de mais de 60 municípios (1 milhão de habitantes) do estado da Paraíba. O Compartimento da Borborema engloba 5 microrregiões conhecidas como Agreste da Borborema, Brejo Paraibano, Cariri, Seridó Paraibano e Curimataú. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Planalto_da_Borborema>. Acesso em 21 de junho de 2011).

objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. No entanto, a História Cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17).

Este conceito de representação tratado por Roger Chartier nos fornece um suporte teórico propício para refletirmos a questão da presença franciscana em Campina Grande a partir da própria história que concretizou a efetiva inserção dos religiosos na cidade na década de 1940.

Como sabemos, o trabalho de produção do conhecimento histórico é dinâmico. O próprio caminho intelectual do historiador se faz complicado quando este se dedica a pensar as abordagens teórico-metodológicas para o fazer histórico ao longo do tempo, contribuindo com o surgimento de meios que ajudem na condução da pesquisa histórica, alterando dessa forma método, conceitos, de acordo com as necessidades de cada período.

É nesse ambiente que se insere as discussões acerca do moderno conceito de representação, que atualmente se mostra como principal recurso para produção do trabalho historiográfico digno desse nome.

No decorrer das décadas de 1960/70 erguia-se um modo de investigação histórica provido da chamada terceira geração dos annales, com vista a enfatizar estudos ligados ao social, abordando novos problemas, novas abordagens, novos temas, passando a compreender o homem enquanto ser complexo. Tratava-se de uma renovação historiográfica que ficou conhecida como Nova História, e trouxe consigo a famosa história das mentalidades.

Todavia, esse novo recurso de investigação veio acompanhado de inúmeras críticas, principalmente no que se refere as mentalidades enquanto um só imaginário inerente a todas as camadas sociais, como se todo um grupo de pessoas compartilhassem um mesmo imaginário, anulando a diversidade.

Certos autores situam a representação como tributaria das mentalidades, uma vez que utiliza os estudos mentais, porém negando o conceito de mentalidades, sendo que para a História das Representações os sujeitos sociais são as pessoas comuns, resgatam

os conflitos sociais, além de focalizar a história como plural, tendo um mesmo fato diversas abordagens.

Com essa modificação, o foco passa a ser a história das diferenças, das identidades e dos laços sociais, não se fala mais em estrutura, mas em estruturação, observando normas, costumes como instâncias capazes de manter juntas as sociedades. A substituição de mentalidade para representação foi uma necessidade, uma vez que a representação propicia a análise do local se apropriando do global e o que embasa isso são os jogos de escala.

No cerne dessas discussões acerca das mentalidades, a crise do marxismo, estruturalismo, a história determinável e fixa foi tida como crise, chegando alguns a situar a história como literatura do passado, pois a realidade na história não é mais captada por aqueles trabalhos das economias e sociedades que com documentos submetidos a uma crítica revelam a realidade. Com as representações a história lida com o que os homens pensam e como pensam, lida com o imaginário. Daí é que o conceito de representação surge, no seio dos debates da década de 1980.

Segundo o historiador francês Roger Chartier (2002) as relações duais, dicotomia de conceitos tidos como alicerce, que ele chama de delimitações essenciais, concentram na verdade profundos problemas. O que nos interessa especificamente nesta reflexão refere-se às relações entre verdade x ficção, pois os historiadores das representações desmontam a idéia de verdade em história, o movimento da década de 1980 assume a história como narrativa, mas uma narrativa na forma de trama, que não inventa não se trata de uma ficção, mas também não é a realidade contida no texto, trata-se de representação.

Segundo Chartier (1990) em sua obra “A História Cultural: Entre Práticas e Representações”, entre as décadas de 50 e 60 os historiadores buscavam uma forma de saber controlado, apoiado sobre técnicas de investigação, de medidas estatísticas, conceitos teóricos dentre outros. Estes acreditavam que o saber inerente à história devia se sobrepôr à narrativa, por acharem que o mundo da narrativa era o mundo da ficção, do imaginário, da fábula. Contudo a tendência hegemônica da historiografia atual propõe uma nova forma de interrogar a realidade, toma como base temas do domínio da cultura e salienta o papel das representações.

Chartier nos traz como proposta a investigação de como as práticas são construídas e como as representações são construídas, propondo uma nova forma de abordagem, buscando perceber as representações como construções que os grupos

fazem sobre suas práticas. Sendo que essas práticas não são possíveis de serem percebidas em sua integridade plena, elas somente existem enquanto representações. A proposta de Chartier desmorona a noção de história como tradução da realidade, pois afirma que nenhum texto traduz a realidade, nenhum texto apreende a realidade em sua totalidade.

O conceito de representação em Chartier se apresenta como alternativa de compreensão do social e cultural da realidade via representação, o real como sentido, ele recebe sentido, é representado.

Compreende-se que nenhum dos fatos que foram abordados nesta pesquisa pode ser considerado como uma verdade absoluta pois como vimos em Chartier (1990) a história não pode e não deve ser tomada como algo fixo e irreduzível de acordo com a sua teoria das representações, pois os próprios textos que utilizamos para refletir tais questões são cheios de intencionalidades que fatalmente nos induzem a conclusões carregadas de verdades dependendo do ponto de vista de quem escreve e interpreta determinados documentos. Com o conceito de representações a história lida com o que os homens pensam e como pensam, lida com o imaginário.

As afirmativas que a história oficial trabalha naturalmente a respeito da vida das ordens religiosas no Brasil trata de forma generalizante as diferentes experiências vivenciadas pelos religiosos em nosso país e chegam a centralizar determinadas informações sobre a atuação missionária das diversas ordens como sendo ações que desmerecem a riqueza dos indícios históricos. Um exemplo dessa realidade é a questão das duas principais organizações européias que atuaram no Brasil colonial, Jesuitas e Franciscanos, ambas possuem papel preponderante no início da formação catequética colonial mesmo assim é dada uma superioridade desproporcional aos Jesuítas relegando a importância menor aos franciscanos que foram os pioneiros da atuação missionária no Brasil. Segundo a museóloga e historiadora Maria Emília Mattos a história franciscana precisa ser reescrita. Para ela, nos livros de história do Brasil, os jesuítas são enaltecidos, merecem, mas os franciscanos são relegados ao segundo plano. E na sua opinião, os franciscanos tiveram papel histórico e cultural maior na cena brasileira.

Nesse sentido percebemos que dentro desse novo conceito de representações utilizado por Roger Chartier horizontes se abrem para a produção do trabalho historiográfico, a matéria do franciscanismo inclusive pode ser assim amplamente estudada pois aumentasse as possibilidades de novas abordagens que antes estavam

esquecidas ou não possuía uma vertente teórica que abrisse canal para a pesquisa a partir de outros olhares.

Dessa forma a trajetória do franciscanismo no Brasil e mais especificamente em Campina Grande será melhor estudada a partir do conceito de representações de Chartier que nos ajudará a compreender as vicissitudes políticas e culturais desta sociedade local a qual investigamos nos proporcionando assim novas leituras das narrativas históricas que foram construídas a partir da presença dos frades neste chão.

2.2 Origens Religiosas de Campina Grande

É inquestionável então a importância das organizações religiosas na formação das cidades brasileiras principalmente devido a sua grande influência junto à coroa portuguesa que determinavam praticamente quais deveriam ser as regiões que mereciam atenção especial no processo do desenvolvimento político, econômico, humano, urbano e cultural.

Em Campina Grande de forma muito particular duas ordens se destacaram prestando serviços relevantes durante os primeiros anos da fundação do povoado: os jesuítas e os franciscanos, ambas conseguiram por sua eficiência através do seu trabalho catequético grande influência em toda a região. Como nos afirma Uchôa:

O serviço religioso da nascente povoação, formada de índios, alguns brancos e negros cativos, era ministrado pelos missionários de Campina Grande, de Fagundes e Aldeia velha. Esta era um pequeno povoado, que nunca prosperou e fica situada entre os engenhos Geraldo e Bonito, dos quais, dista uns três quilômetros. Ficava na rodovia de Campina Grande a Alagoa Nova. (UCHÔA, 1964, p.03)

Além da presença constante dos religiosos missionários na construção da vida social e política da cidade podemos considerar momentos significativos na história eclesial local como sendo determinante que possibilitaram a ascensão do povoado à vila campinense, sem dúvida a criação da Paróquia¹⁹ de Nossa Senhora da Conceição no ano de 1769 representou um sinal concreto de que o desenvolvimento político através dos poderes constituídos de certa forma garantia a promoção de um futuro diferenciado

¹⁹ **Paróquia** é o território e a população que está subordinada eclesiasticamente a um pároco. Também se aplica como sinónimo freguesia. (Em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Par%C3%B3quia>>. Acesso em 21 de junho de 2011).

para este lugar. Vejamos o que nos diz parte do decreto diocesano o qual oficializava a fundação da Paróquia campinense.

Desmembrada, integralmente, da freguesia de Nossa Senhora dos Milagres de São João do Cariri de Fora, a sua jurisdição abrange a região compreendida entre os rios Paraíba, Taperoá, Santa Rosa, Rio Grande (Seridó), parte do Curimataú, Serra da Beatriz e Ribeira do Bacamarte; com quatro templos católicos: A Capela de Campina Grande elevada a Matriz e a de Fagundes, Boqueirão e Cabaceiras. (UCHÔA, 1964, p. 34)

A partir desse momento Campina Grande tornava-se não mais dependente de outras freguesias a qual era totalmente subordinada. Esta conquista remonta a idéia de que grande parte do crescimento dos grupos urbanos na história moderna recebeu influências visíveis do poder político da Igreja Católica nos seus mais diversos órgãos. Neste caso tomamos a ordem franciscana como objeto de pesquisa para demonstrar especificamente como a força cultural religiosa foi na história da cidade de Campina Grande instrumento representativo na construção de identidades e de como esta de certa forma continua participando da vida social e política dessa mesma sociedade.

Esta presença franciscana e a própria atuação da Igreja de modo geral passou com o tempo a ser mais intensa devido à grande participação eclesial na vida das pessoas. É natural interpretarmos que toda a cultura religiosa vivenciada desde o período colonial no Brasil condicionou amplamente as práticas culturais que alicerçaram as possíveis versões identitárias do nosso povo miscigenado que constituídos por índios, europeus e africanos tornaram-se híbridos em se tratando de “modos de vida”.

Segundo Darcy Ribeiro (1995) o povo brasileiro se sabe, se sente e se comporta como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Essa unidade não significa, porém nenhuma uniformidade. Ele também afirma que o homem tem essa capacidade de se adaptar ao meio ambiente e criar modos de vida diferentes. Assim mais do que uma simples etnia, o Brasil é um povo nação, assentado num território próprio para nele viver seu destino.

Campina Grande possuiu nas suas origens características como em muitas outras cidades brasileiras, uma população miscigenada composta de índios, negros escravos e europeus. Esse perfil da população nos ajuda a entender qual o papel que a religião oficial cumpria neste contexto, era através do culto católico que geralmente conseguia-se ultrapassar as fronteiras culturais de um povo tão diferente mais ao mesmo tempo aparentemente tão parecido. “Congregar diferenças” talvez tenha sido a função ideal para a Igreja católica manter equilibrado o povo brasileiro.

Todas as ordens religiosas que participaram da catequese foram fundamentais nesse processo de formação do sentimento de unidade da nossa gente. Os religiosos que as compunham neste importante momento da história desenvolveram conscientes ou não métodos que através de sua prática religiosa possibilitaram no estreitamento dos modos de vida que afirma Ribeiro (1995).

Em Campina Grande os Jesuítas e Franciscanos e padres seculares cumpriram esta missão, estando evidentemente os dois primeiros muito mais engajados numa função mais específica que era de diminuir os conflitos para garantir o sucesso da colonização e sobrevivência de ambos, função esta por vezes impossível.

O primeiro pároco campinense que se tem registro é de 1780, o Padre Luiz Bezerra de Melo (1780-1782). O documento ao qual informa sobre a vida deste religioso na freguesia²⁰ de Campina Grande revela quais as principais dificuldades enfrentadas. Geralmente quando um religioso era designado para assumir uma freguesia, assumia este os bens e todo o patrimônio da empresa paroquial, em Campina o beneficiado nada encontrou, nem sequer meios para seu sustento honesto. Tinha o padre de trabalhar junto ao seu rebanho incipiente, pois era uma região de Comunidade Missionária.

A localização da Igreja Matriz de Campina Grande desde sua fundação foi à mesma, situada no alto da colina dando as costas para a ladeira da Rua Oriente e antiga Rua das Barrocas ou sítio das Barrocas (atual Rua Vila Nova da Rainha²¹). Esse lugar segundo a versão histórica mais conhecida foi escolhido por Teodósio de Oliveira Ledo devido a sua privilegiada vista da Campina Grande. Nascia assim o símbolo certamente de um futuro promissor daquele espaço que mais tarde seria a Cidade de Campina Grande. Observamos na Ilustração 04 as modificações que durante os séculos XIX e

²⁰ **Freguesia** é o nome que tem, em Portugal e no antigo Império Português, a menor divisão administrativa, correspondente à paróquia civil de outros países. Trata-se de subdivisões dos concelhos e são obrigatórias, no sentido de que todos os concelhos têm pelo menos uma freguesia (cujo território, nesse caso, coincide com o do conselho), excepto o de Vila do Corvo onde, por força do artigo 86º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, essa divisão territorial não existe. (Em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Freguesia>>. Acesso em 21 de junho de 2011).

²¹ No fim do século XVIII, a Coroa pretendia criar novas vilas na província. Nesta época, a província da Paraíba era sujeita à de Pernambuco, cujo governador era D. Tomás José de Melo. Em 1787, o ouvidor da província da Paraíba, Antônio F. Soares, pediu ao governador de Pernambuco a criação de três vilas na capitania. Duas dessas vilas o ouvidor criaria em Caicó e em Açu, onde já havia povoaamentos que, nesta época, faziam parte da Capitania da Paraíba. A outra pretendia criar na região do Cariri, que compreendia parte do que hoje são a Microrregião do Cariri Oriental e do Cariri Ocidental. Campina Grande e Milagres eram as duas freguesias candidatas a virarem vila que estavam naquela região. No dia 6 de abril, Campina Grande passou a ser chamada oficialmente de *Vila Nova da Rainha*, em homenagem à Rainha Dona Maria I. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_Grande>. Acesso em 20 de junho de 2011).

XX aconteceram neste grande símbolo do poder político e religioso da cidade campinense.



Ilustração 04: Catedral de Campina Grande no século XIX (a) e no século XXI (b).

Esse prédio mais que um templo tornou-se para a cidade uma referência no sentido político-econômico, pois era neste espaço onde se encontravam as pessoas para discutirem todas as questões sociais referentes à comunidade, principalmente aos domingos, dava-se a conhecer os forasteiros e realizavam seus negócios comerciais. Trocavam animais e vendiam gado. Apesar de aos olhos do vigário todas essas transações ao redor da igreja fazer parte apenas de um materialismo interesseiro era aí que o povoado começava a desembocar sua vida econômica que surgia a sombra do cruzeiro grande, erguido por um missionário jesuíta a frente da igreja.

Nesta época, Campina Grande tinha em todo seu território 2.439 pessoas e na freguesia dos Milagres (São João do Cariri) 3.199. Esses dados nos mostram como eram sutis as diferenças entre as duas freguesias. Dessa forma Campina Grande iniciou realmente seu processo de crescimento, tanto é que em 1790 seria elevada a categoria de Vila pela coroa portuguesa. Curioso é que Campina disputara com a Freguesia dos Milagres essa promoção. O que mais uma vez prevaleceu foram às melhores condições aráveis das terras campinenses que produziam mais riquezas e sua localização geográfica, pois esta estava bem mais posicionada na Província da Paraíba entre o litoral e o sertão. Em 1790, mais precisamente no mês de abril, Campina Grande passou a ser

chamada só oficialmente de Vila Nova da Rainha, porque para a população continuava a ser chamada pelo mesmo nome.

Em vários momentos da história da cidade de Campina Grande um dos motivos que vão sempre destacá-la é a sua posição geográfica e seu forte poder natural de integração da região, aliás, não podemos deixar de lembrar que a vida religiosa local se desenvolveu em grande medida por esta razão, afinal não eram todos que tinham a coragem de se deslocar do litoral para o interior de qualquer província no Brasil sem que houvesse um lugar minimamente civilizado que oferecesse segurança. Campina mesmo sem ainda despontar como um povoado ou vila já possuía essa vantagem sobre outros municípios nordestinos e foi esta mesma razão que trouxe os primeiros religiosos para essa região.

Os registros que se tem nos arquivos locais a respeito da presença dos pioneiros regulares que aqui trabalharam em missões são muito escassos. O que se tem de concreto é que os foram os jesuítas que iniciaram a catequização na antiga aldeia de Campina Grande no século XVII, nos séculos seguintes outras ordens e congregações também passariam a prestar assistência missionária, sendo os franciscanos e carmelitas os que mais se destacam.

Algumas pistas encontradas na obra de Uchôa (1964) “Subsídios para História Eclesiástica de Campina Grande”, evidenciam que o estabelecimento dos religiosos regulares franciscanos se deu de forma lenta e gradual. Segundo Uchôa da única lista existente que a história disponibiliza (considerando que uma primeira lista com os nomes dos padres foi destruída em incêndio dos arquivos da Igreja Matriz campinense) desde a fundação da Matriz de Nossa Senhora da Conceição o primeiro frade franciscano a oficialmente fazer parte do clero campinense foi frei Antonio, este foi o 10º vigário da Paróquia de Campina Grande entre os anos de 1830-1831, daí por diante os outros frades franciscanos que vieram compor o clero local foram sacerdotes cooperadores. A citação a seguir faz uma observação interessante da obra já citada neste parágrafo:

Por decreto Diocesano de sua Ex^a Revma. Dom Tomás de Noronha e Brito, p^or Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Olinda-Pernambuco, houve por bem, atendendo as circunstâncias especiais por falta do Clero Secular, nomear o Padre frei Antonio, Capuchinho, para vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Campina Grande, na Província da Paraíba. O padre Frei Antonio, franciscano capuchinho, tomou pose a 11 de janeiro de 1830 a dirigir esta Paróquia até 1831, onde, Ad tempus por indicação do Padre Provincial Franciscano Capuchinho, deveria ficar dois

anos de acordo com as prescrições canônicas de sua ordem franciscanas. (UCHÔA, 1964, p.54)

Percebemos que desde a origem de Campina Grande os religiosos foram importantes para a formação da sociedade não só na composição do clero local, mas também na representação política que promoveu o município no cenário regional e estadual.

No século XVIII a vida eclesiástica campinense se manteve alicerçada ainda sobre as práticas missionárias, mesmo sendo este o século em que iniciou na igreja certa crise na produção das pesquisas missionológicas, escassearam os estudos dessa matéria, mas ainda assim eram em grande medida as missões que sustentavam o fervor da comunidade católica. Não só Campina Grande, mas todos os povoados circunvizinhos recebiam os religiosos nas campanhas de evangelização. Por serem os padres em sua maioria estrangeiros precisavam conhecer muito bem os territórios que iriam atuar por isto era natural estudarem profundamente as línguas indígenas e seus costumes para que fosse desenvolvido um método de catequese adequado para cada região. As missões seguiam este caráter mais prático que teórico.

A propagação da fé e a pregação do evangelho entre os habitantes desta região dependeram assim das ações esporádicas dos chamados “arautos da fé²²”, estes homens de hábito contribuíram em muitos aspectos para integração das sociedades locais e seus respectivos desenvolvimentos político, econômico e cultural.

Um dos fatos que podemos destacar entre as missões religiosas realizadas em Campina Grande foi a visita do Frei Venâncio Maria de Ferrara, missionário franciscano Capuchinho da Província de Olinda que veio a cidade no dia 27 de dezembro no ano de 1886 a convite do Vigário Francisco de Sales Pessoa²³ desta Paróquia campinense. Conta à história que a comitiva do frei chegou à cidade a cavalo, único meio de transporte na época, mais 6 mil pessoas foram recebê-lo na entrada da cidade. A missão começou no dia seguinte dia 28 do mesmo mês e ano.

²² O **Arauto** (do francês antigo: *heralt*) foi um mensageiro oficial na Idade Média, uma pré-forma do diplomata. O arauto fazia as proclamações solenes, verificava títulos de nobreza, transmitia mensagens, anunciava a guerra e proclamava a paz. Na monarquia moderna, o arauto apregoa casamentos reais ou aclamações dos reis. No Contexto colonial esta expressão de **arautos da fé** é atribuída aos que primeiro anunciaram a mensagem do evangelho nas terras desconhecidas indígenas. (Em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arauto>>. Acesso em 20 de junho de 2011).

²³ O Vigário Francisco Sales Pessoa foi certamente um dos representantes eclesiásticos que mais marcaram a vida religiosa na cidade de Campina Grande, ele se destacou por promover entre outras ações, a reforma da matriz catedral no século XIX e a primeira missão oficial realizada na cidade. (UCHÔA, 1964)

Segundo Uchôa (1964) esta foi a primeira missão oficial em terras campinenses, o resultado atingiu números impressionantes para a época, foram 212 casamentos de uniões ilícitas e um milhão de comunhões. No dia 1º de janeiro de 1887 foi concluída a missão. Esta missão merece uma Atenção especial porque representou para a cidade um novo impulso que possibilitou um maior desenvolvimento da sociedade local sempre localizando Campina Grande como a cidade integradora de regiões.

Os eventos da vida eclesiástica da cidade de Campina Grande de certa forma nortearam ou rumos que fez do município uma referência dentro do Estado da Paraíba e no nordeste inteiro. O seu pioneirismo no comércio mediante a sua posição intermediária entre os extremos da região proporcionou excelentes condições que fizeram com que a cidade despontasse na segunda metade do século XIX para ser uma das mais promissoras do nordeste.

Durante os séculos XVIII e XIX no povoado de Campina Grande a presença dos religiosos franciscanos se resumiu a momentos esporádicos para se intensificar aí de forma decisiva em meados do século XX. Não considerar a presença franciscana e de outras ordens e congregações em Campina Grande nos seus primórdios, acarreta num gravíssimo erro histórico justamente porque esses organismos eclesiais iniciaram a organização política e social dos principais povoados nesse contexto e foram às missões dos religiosos regulares que serviram para estabelecer como em muitas outras cidades brasileiras a participação da Igreja Católica no processo de formação dos pólos urbanos. Sem a sua presença dificilmente se conseguiria atingir as metas inicialmente traçadas pela coroa portuguesa que era a de povoar as regiões da colônia do Brasil.

Dessa forma podemos identificar a prática religiosa talvez como sendo o mais forte aspecto herdado das culturas que formaram o nosso povo, em Campina Grande o processo do desenvolvimento cultural e político sempre esteve bastante condicionado a uma forte presença dos poderes religiosos especialmente sob a representatividade do clero católico que se manteve na história local como uma classe política que contribuiu relevantemente para que fossem superados os estágios do crescimento local.

Temas como a catequese, missão, espiritualidade, fraternidade, que fizeram parte das primeiras ações da implantação do cristianismo no Brasil ainda na história recente da própria caminhada franciscana continuam sendo realizadas através de intensas campanhas que são propaladas em meio às comunidades paroquiais dirigidas pelos frades menores nesta cidade como práticas religiosas. Não deixam de ser todas essas

ações representações materializadas de uma nova etapa do franciscanismo agora ressignificado em sua presença no mundo moderno.

O franciscanismo hoje se expressa na cidade de Campina Grande e em Lagoa Seca nas várias faces de seu carisma, tendo certamente o seu perfil englobado a sua prática de fé na extrema busca da humanização das pessoas a luz da face divina e humana do Cristo. Podemos reafirmar essa versão através das ações contínuas de catequese que são realizadas no Bairro da Conceição (Convento São Francisco), no centro da cidade (mosteiro das Clarissas) e em Lagoa Seca (no convento de Ipuarana, que atualmente abriga o noviciado da província franciscana nordestina).

2.3 Franciscanos antes e depois da “Rainha da Borborema”

Se quisermos entender como se deu propriamente a história que trouxe os pioneiros que implantaram “os modos da vida religiosa” cristã católica no Brasil devemos pesquisar para além dos documentos oficiais, pois nestes em sua maioria acontecem generalizações que atrapalham o entendimento mais afundo da presença e crescimento das ordens religiosas em todo o contexto histórico brasileiro.

Em Campina Grande, hoje cidade do interior da Paraíba, é nítido que também as ordens cristãs católicas construíram sua presença através de muito trabalho missionário e conseqüentemente contribuíram para o desenvolvimento e emancipação do município. Como já foi dito anteriormente, a Igreja de uma forma geral participou do desenvolvimento de Campina Grande em todos os seus estágios de crescimento desde quando surgiu (para alguns em 1697²⁴) como povoado indígena até ser elevada a cidade em 1864 sendo está representada pelo o clero regular inicialmente (ordens religiosas) e depois pelo clero secular (padres diocesanos).

²⁴ Normalmente a origem de Campina é creditada à ocupação pelos índios Ariús na aldeia de Campina Grande, liderados por Teodósio de Oliveira Lêdo, Capitão-mor do Sertão, em 1º de dezembro de 1697. No entanto, a fundação de Campina Grande ainda gera controvérsias, pois a localidade podia já estar ocupada quando Teodósio chegou com os índios Ariús. O principal indício é de que Campina Grande é mais antiga do que se pensa, é a presença de seu nome em um mapa italiano, elaborado por Andreas Antonius Horatij, que se encontra no livro "Istoria delle Guerre del Regno del Brasile Accadute tra la Corona de Portogallo e la Republica de Olanda", de autoria do Frei Gioseppe Santa Teresa. Este livro italiano foi publicado em Roma no ano de 1698, que foi um ano após a fundação de Campina Grande. O problema reside no fato de que, apesar de Campina Grande ter sido fundada em 1697, somente no dia 14 de maio de 1699 o Governador da Paraíba Manoel Soares de Albergaria escreveu uma carta ao Rei de Portugal notificando sobre as descobertas de Teodósio de Oliveira Lêdo, o que gera o impasse. Como a Itália pôde ter conhecimento de Campina Grande, constando esta como povoação no mapa de Horatij, já em 1698. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Campina_Grande>. Acesso em 21 de junho de 2011).

A ordem franciscana foi uma dessas representações cristãs católicas que durante os séculos da existência de Campina Grande desde suas origens esteve presente nas páginas de sua história, seja esporadicamente nos dois primeiros séculos XVIII e XIX em suas missões, seja no século XX a partir de 1940 mais efetivamente quando introduziram sua catequese e sua espiritualidade escolhendo-a como sua mais nova morada no interior do nordeste brasileiro.

2.3.1 Fases Franciscanas: entre crise e restauração

Após vivenciar a ordem franciscana experiências dramáticas no final do século XIX, principalmente quando quase foi extinta em consequência das proibições da entrada de noviços em sua fraternidade, aconteceu que um o frade Provincial (1878-1901) chamado Frei Antonio de São Camilo Lellis iniciou uma nova fase que ficara conhecida como “Missão Bahia²⁵”. Era a restauração da presença franciscana e mais destacadamente no nordeste do Brasil, onde a província alemã de Santa Cruz da Saxônia foi designada (1889) pela Santa Sé para coordenar o projeto de soerguimento da quase falida (por falta de vocações) Província de Santo Antonio do Brasil. Os objetivos para que pudesse a restauração ter sucesso eram reocupar, restaurar e fundar novos conventos que pudessem revitalizar a vida fraterna franciscana em todo o país.

A fundação da “missão baiana” só se pode entender assim como Frei Antonio e D. Luís a pretenderam e a recomendaram ao prefeito da Propaganda. Como finalidade principal, intencionou-se a restauração da província de Santo Antonio, embora também a catequese dos índios fosse incluída. Infelizmente essa finalidade principal, o estabelecimento da vida religiosa não pôde ser citada no decreto da cúria geral, em atenção ao governo geral tão alérgico à reforma das ordens. Entrementes, fora destronado D. Pedro II, sem que a Igreja tão cedo esperasse a liberdade sem peias, há séculos aspirada. As primeiras leis do governo republicano eram anticlericais, de modo que a Saxônia aguardou ocasião mais propícia para executar o decreto de Roma. Ademais os franciscanos alemães, receosos de principiar o apostolado desde já na Bahia por causa do clima tropical, preferiram aclimatar-se inicialmente no sul do Brasil, onde muitas colônias de língua germânica reclamavam assistência religiosa (WILLEKE, 1977, p.138)

²⁵ O único modo de obter a anuência do governo para repovoar alguns conventos com religiosos estrangeiros seria o pretexto da catequese entre os índios. Como na zona sul – baiana de Belmonte existissem numerosos silvícolas abandonados. O frei Antonio de São Camilo incentivou Cardeal Simeoni presidente do capítulo geral da Ordem Franciscana interceder junto aos capitulares reunidos em 1889. Assim o ministro geral encarregou a província alemã da Saxônia, por decreto de 18-XII- 1889, intitulando a nova missão de “Missio vulgo de Bahia”. (WILLIKE, 1977. p. 137)

Nas primeiras décadas do século XX, após ter sido a província de Santo Antonio restaurada, começou um movimento no intuito de conseguir novas vocações nacionais, e uma das medidas adotadas foi à construção de novos centros que promovessem as vocações, os Colégios Seráficos. Segundo Pereira (2002) estes espaços foram fundamentais para que fosse divulgada a cultura franciscana e fomentadas novas vocações brasileiras, pois antes eram escassas as oportunidades de acesso aos seminários da ordem, até mesmo por falta de um de projeto mais ousado como este que visava transformar a realidade da província.

Muitas motivações promoveram o projeto que fez a ordem franciscana construir na província estes centros vocacionais, os que foram construídos logo no início do século XX atendiam a emergência da suscitação das vocações nacionais já que a província de Santa Cruz da Saxônia terminada a sua missão restauradora em 1901 devolveria a autonomia da província brasileira. Como nos afirma Miranda.

Só em 1901, multiplicando os religiosos, já possuindo novas vocações, e considerando, também o número de religiosos existentes, a Cúria Generalícia da Ordem Franciscana, de Roma, declara restaurada a Província e com vida autônoma. (MIRANDA, 1969, p. 94)

A própria estrutura nacional da ordem precisava suprir as suas carências e buscar saídas para conseguir vocações. Segundo Almeida (2002) foi isto que se tentou ao menos, mas, mesmo assim, de 1901 a 1918 pouco resultado se alcançou. Apenas 12 jovens conseguiram vestir o hábito franciscano, 9 deixaram já no noviciado, dois faleceram e apenas 1 chegou ao sacerdócio.

Esse difícil quadro das vocações franciscanas no Brasil impossibilitou que a província de Santo Antonio mantivesse sua autonomia, foram muitas as tentativas, os números mostram que a maioria de suas casas foram restauradas durante quase todas as duas primeiras décadas do século XX, quando ainda não tinha renovado o pedido de ajuda a província da Alemanha.

A segunda fase da participação da Província de Santa Cruz da Saxônia em parceria com a Província de Santo Antonio esteve centrada na nova tentativa de criar vocações através da fundação do colégio de Bardel²⁶ já que as experiências realizadas no Brasil não surtiram os efeitos esperados foi decidido que na Alemanha seriam buscadas as

²⁶ **Bardel** convento alemão pertencente à Província de Santa Cruz da Saxônia que contribuiu significativamente para a restauração da Província de Santo Antonio do Brasil no final do século XIX e início do XX, através desta parceria estabeleceram uma aliança que perdura até nossos dias.

vocações sacerdotais que definitivamente resolveria as limitações da fraternidade franciscana no Brasil e especialmente na Província de Santo Antonio.

2.3.2. Colégios Seráficos em Questão nas Vidas das Províncias Irmãs

A construção do Colégio de Bardel foi iniciada em 1922, e continuara até fins de 1929. Ainda sem o necessário acabamento interno e externo no dia 6 de agosto de 1923, começaram as aulas com 15 alunos na sexta e quinta 4 na terça e 2 na segunda, número que até o natal subiu para 27. A ordem entendia que o colégio precisava começar o quanto antes suas atividades educacionais e é o que acontece tamanha a necessidade de novos confrades para a Província de Santo Antonio do Brasil. Em quase uma década de funcionamento os resultados alcançados foram surpreendentes, só no ano de 1932 é registrado o número de 134 alunos e 77 religiosos (WESTERMANN, 1965, p.19). Nas décadas de 1920-1930, o Colégio de Bardel, enviou grande número de frades para o Brasil, além de clérigos, noviços e irmãos leigos.

Segundo Albuquerque (2000) O sucesso do colégio de Bardel fez com que a província concentrasse suas atenções para as vocações sacerdotais nacionais. Afinal, se deu certo na Alemanha também poderia dá certo aqui no Brasil. Surgiu então uma preocupação entre os definidores da ordem tanto é que no 1º Congresso Definitório de 1º de maio de 1928, ficou decidido que as vocações deveriam ser estimuladas entre brasileiros em todos os conventos da ordem, jovens idôneos deveriam ser escolhidos, instruídos e sondados quanto a sua índole e ao talento e quando julgados fossem enviados a uma escola Seráfica a ser fundada mais tarde.

Durante os primeiros anos da década de trinta todo esse quadro de aparente tranquilidade seria completamente alterado devido às transformações políticas ocorridas na Alemanha em decorrência do Nazismo. Esta mudaria também provavelmente todo o fluxo de religiosos entre as duas províncias irmãs, a brasileira e alemã, o funcionamento do Colégio de Bardel estava ameaçado e conseqüentemente a continuidade do projeto restaurador que estava conseguindo resultados promissores. A medida encontrada pela província foi providenciar a imediata transferência dos alunos do país, antes que fossem impedidos pela ditadura nazista, como nos afirma:

A situação política e religiosa na Alemanha no regime nazista tornou-se sempre mais delicada e apreensiva. Havia receios justificados de que num futuro talvez, próximo, possivelmente não se oferecesse mais possibilidade

de se conseguir permissão de os alunos deixarem o país e viajarem para o Brasil. (WESTERMANN, 1965, p.13)

No decorrer desse processo novos planos começam a ser traçados tendo em vista que a situação religiosa e política da Alemanha se agravava, um grande número de religiosos alemães tiveram que ser deslocados do colégio de Bardel que foi fechado em 1º de abril de 1938, pelo governo nazista.

Como fechamento do Seminário de Bardel, por ordem do governo nazista, muitos frades alemães vieram para o Brasil, engrossando substancialmente o número de franciscanos alemães que aqui chegaram, visto que desde 1935 a situação política e religiosa da Alemanha tornou-se extremamente delicada, exigindo da ordem uma ação preventiva. (ALBUQUERQUE, 2000. p.13)

Não funcionando mais o Colégio alemão de Bardel, o celeiro das vocações sacerdotais que mantinha o projeto restaurador da Província de Santo Antonio, foi necessário transferir todas as preocupações e investimentos antes concentradas no Seminário para a realidade brasileira, agora com um agravante, onde acomodar tantos confrades alemães fugidios da repressão nazista se os ambientes conventuais existentes no Brasil eram incompatíveis ao modelo em que viviam e executavam suas funções docentes na Alemanha? Dessa forma fora idealizada a construção de um novo colégio, de grande estrutura, que além de abrigar os alemães que estavam no país, pudesse proporcionar condições semelhantes aos das atividades realizadas na Alemanha.

2.4 Uma Entre Todas Foste a Escolhida: Campina Grande, terra franciscana no Ipuarana

Só em 1939 é que foram se estabelecer os franciscanos em Campina grande precisou mais uma vez a influencia da Igreja local interferir para que fosse conseguida para esta cidade mais uma conquista importante, considerando que não havia no interior da Paraíba nenhuma casa fixa da ordem franciscana, antes só mesmo se fizeram presentes de forma temporária, Campina Grande estava prestes a se tornar a mais nova morada dos filhos de São Francisco

Várias circunstâncias possibilitaram a vinda dos frades para esta cidade, mais a principio Campina Grande nem fazia parte dos planos iniciais da Província Franciscana de Santo Antonio quando partiram deles o interesse de buscar uma cidade que iria compor a nova fraternidade no interior do nordeste do Brasil, outras cidades estavam

sendo estudadas a exemplo de Carpina, Garanhuns e Triunfo sendo que nenhuma delas atendia as necessidades e exigências da ordem franciscana. Não havendo outra opção os confrades definidores teriam que decidir entre uma dessas cidades estudadas. Segundo Albuquerque (2000) quando todos se inclinavam por terrenos em Carpina-PE, chegou uma carta de Frei Romualdo Kruempelmann avisando ao R. P. Definidor Frei Matias Tevês informando que o vigário de Campina Grande sabendo do nosso projeto de um novo Colégio Seráfico, se ofereceu a conseguir para nós um bom terreno, para a construção do nosso colégio Seráfico.

Algumas condições para que fosse instalado o Colégio seráfico pela província eram bem específicas. Segundo pereira (1999) devia ser perto de uma cidade (numa distancia razoável), de bom clima, sobretudo onde se respirasse uma atmosfera católica, com uma população de bons costumes, famílias bem constituídas.

As necessidades da ordem em conseguir um local propício para construir o colégio seráfico não permitiam que fosse perdido muito tempo, dada a urgência em abrigar os confrades alemães que precisavam dar continuidade a missão do antigo colégio de Bardel em terras brasileiras. Ainda segundo Albuquerque (2000), no mesmo dia rumaram para um sítio chamado Vila Ipuarana em Lagoa Seca pertencente à paróquia de Nossa Senhora da Conceição. O terreno agradou e parecia corresponder as condições exigidas pelo local em que se pretendia construir o novo Colégio Seráfico. Recomendaram por isso ao Padre Provincial o sitio de Lagoa Seca. A pedido do padre Provincial, em 10 de agosto, viajaram para Campina Grande o padre. Custódio, Frei Damião e padres Definidores Frei Noberto e Frei Mariano, para também examinarem o terreno oferecido.

Depois de visitada logo se deu a entender que Lagoa Seca preencheria alguns dos pré-requisitos para se tornar a mais nova morada do Seminário Franciscano. Por ser de bom clima e com temperatura agradável uma entre todas foi à escolhida.

O Definitório reunido em Recife, de 13 a 19 de agosto optou, então, definitivamente, pelo sitio de Lagoa Seca e, em 18 de agosto o Senhor Arcebispo de João Pessoa deu seu benévolo sentimento, renunciando a seu próprio plano de adquirir aquele sitio para a construção de um seminário de fêrias. Em 26 de setembro de 1939, o P. Provincial realizou a compra do sitio de Lagoa Seca (ALBUQUERQUE, 2000, p.22)

Outro fator que não poderia deixar de ser considerado é que o Seminário precisaria por uma questão lógica estar localizado próximo de um centro urbano que oferecesse condições básicas de sobrevivência, pois Lagoa Seca era apenas distrito de Campina grande e permaneceu subordinada a esta entre os anos de 1934 a 1964, período

até então o que mais proporcionou resultados satisfatórios para a ordem e seus objetivos missionários nesta região.

Segundo Paula (2010) apud Frei Anézio (1986), sem sombra de dúvida este Seminário foi construído pela ordem franciscana em Campina Grande, no distrito de Lagoa Seca, por acharem que o referido Seminário ficaria situado num ponto estratégico do Estado da Paraíba. Campina Grande era tão importante para nosso Seminário que quando Lagoa Seca passou a município nossa comunidade não aceitava por hipótese alguma.

Três anos depois em 1942 era inaugurado o Seminário Franciscano de Santo Antonio, também conhecido por Seminário Ipuarana, sendo feita a transferência do Colégio Seráfico de João Pessoa²⁷. As construções se sucederam durante os anos de 1941 até 1947, sendo que em 7 de outubro de 1945 Dom Moisés Coelho²⁸ lançava a bênção litúrgica sobre a recém construída Igreja. Segundo Albuquerque (2000) estiveram presentes na solenidade o prefeito de Campina Grande, representando o interventor do Estado da Paraíba Dr. Argemiro de Figueiredo, além do Juiz de Campina Grande e parte do clero da cidade. Também compareceram o Padre definidor Frei Matias Tevês representando o Padre Provincial, na época, Frei Humberto Triffterer bem pouco como os padres Frei Paulo, Frei Romualdo, Frei Marcelo, Frei Libório e, da primeira comunidade franciscana de Ipuarana, assistiram a solenidade Frei Lamberto Hoettmig, Frei Manfredo Pantenburg e Frei Pedro Westermann. Ainda segundo Albuquerque outras autoridades eclesiais e políticas presenciaram a inauguração do Convento Ipuarana.

O primeiro orador do dia foi o Monsenhor José de Medeiros Delgado, Vigário de Campina Grande que expressou sua satisfação pela escolha da Paróquia de Campina Grande para ser local de construção do colégio Central dos franciscanos no norte do Brasil. Em nome do governador do Estado e chefe do Executivo municipal, falou o conhecido advogado de Campina Grande, Dr. Hortêncio Ribeiro. Encerrando a cerimônia, discursou o Padre Definidor, Frei Matias Tevês, dizendo das dificuldades no recrutamento das vocações sacerdotais, destacando a pronta decisão do

²⁷ Na Paraíba o **Colégio Seráfico de João Pessoa** foi aquele cumpriu seu papel na formação dos seminaristas franciscanos antes de existir o convento Ipuarana em Campina Grande. Em 1942 foram transferidos para o novo seminário todo o efetivo, deixando de ser uma escola para servir para outros fins da fraternidade. (PEREIRA, 2000. p. 133)

²⁸ **Dom Moisés Coelho**, nascido em 8 de Abril de 1887, em Cajazeiras onde foi o 1º Bispo, em 2 d maio de 1915. Em 12 de fevereiro foi transferido como coadjutor para João Pessoa, PB, onde foi o 2º Arcebispo em, 15 de agosto de 1935. Filho de Raimundo Sizenando Coelho e de Maria Lourenço da Circuncisão; neto paterno de Sabino da Sousa Coelho e de Maria Ana Rolim; Neto materno de José Vieira e Maria Vieira. (Em: <<http://www.arquidiocesepb.org.br/index.php?arqui=pages/arcebispos>>. Acesso em 21 de junho de 2011).

governo da Província Franciscana em aproveitar o momento para buscar vocações novas. (Albuquerque, 2000, p.12)

Segundo Pereira (2000) um mestre de obra chamado Eliseu que hoje é auxiliar de pastoral da Paróquia de São Francisco em Campina Grande e que há vários faz serviços de reforma e limpeza no convento Ipuarana, foram empregadas no telhado mais de 170 mil telhas. Isto resulta numa área coberta total de 130.000 m² (13 telhas por m²) mais de um hectare.

Nascia em Lagoa Seca, à época, pequeno povoado distante da cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, o Seminário Franciscano de Santo Antonio, mais conhecido como Ipuarana que iria ter, durante mais de trinta anos atuação marcante na formação espiritual e cultural de várias gerações, transformando a vida de centenas de jovens deste e de outros estados do Brasil. A implantação do convento franciscano foi um fator positivo para o desenvolvimento da Vila de Lagoa Seca, já que era muito grande o número de alunos que vinham de fora para estudar. Além das disciplinas curriculares, desenvolveram-se várias oficinas com atividade práticas como carpintaria, padaria, alfaiataria, sapataria e encadernação.

Com uma quantidade tão grande de alunos era preciso que houvesse uma grande organização administrativa, já que os alunos moravam no convento e, apenas nas férias, alguns voltavam para casa. Alimentação, roupa, sapato, móveis eram coisa produzidas dentro do convento pelos frades nas oficinas.

Com o aumento da demanda por vagas, o Colégio Seráfico Santo Antônio passou a contratar professores sem vínculos com a Ordem Franciscana para trabalhar. No Convento, estudavam apenas alunos do sexo masculino e as aulas no princípio eram dadas apenas pelos frades. Mas o trabalho dos frades não estava apenas restrito apenas às salas de aula do convento, desenvolviam um trabalho pastoral junto à população.

Podemos observar na Ilustração abaixo que até hoje a Igreja de Santo Antonio que fica anexa ao Convento Ipuarana permanece bem conservada, essa construção de grande riqueza arquitetônica representa a primeira estrutura oficialmente franciscana no território da Cidade Campina Grande.



Ilustração 05: Convento Ipuarana, em Lagoa Seca-PB

O Convento Ipuarana se tornou para os franciscanos da Província de Santo Antonio não só uma grande casa de retiros espirituais ou apenas um abrigo perfeito dos confrades alemães da Província de Santa Cruz fugidios da repressão nazista. Neste espaço foi depositado a grande esperança do futuro da ordem franciscana no nordeste e Brasil em plena 2ª Guerra Mundial.

2.5 A História e o Cotidiano do Convento São Francisco de Campina Grande

O Ipuarana foi a primeira mais não a única casa franciscana no território Campinense. Quase ao mesmo tempo em que começaram as obras do Colégio Seráfico de Ipuarana que substituiria o seminário de Bardel, suscitou também a Igreja local no final de 1942, através de Dom Moisés Coelho e o vigário Padre Severino Mariano, o desejo de ver fundado uma residência franciscana na cidade de Campina Grande.

Certamente as mesmas conversações das lideranças do clero local que possibilitaram a vinda dos franciscanos para a vila de Ipuarana em Lagoa Seca conseguiram também trazer para o centro de Campina Grande a presença outros

religiosos franciscanos. Registros do livro de tombo do Convento de São Francisco desta cidade revelam que no ano de 1943 o definitório aprovou o pedido de posse da sonhada residência franciscana na cidade Rainha da Borborema.



Ilustração 06: Convento de São Francisco de Campina Grande-PB

É muito fácil entender o interesse também da ordem em possuir uma residência na cidade campinense, afinal o grande centro de formação que era o convento Ipuarana ficava a oito quilômetros distantes desta cidade, qualquer necessidade mais urgente daquela comunidade como problemas de saúde ou comércio era gasto certo tempo para se chegar ao centro urbano (lembramos que as estradas eram rurais de difícil acesso, principalmente no inverno), era mais que preciso um espaço digno que abrigasse os confrades que de passagem para o sertão ou litoral estivessem. Então uma residência fixa era fundamental para fazer essa ponte entre os diferentes interesses, resolviam-se muitos problemas com apenas uma solução. Continuava a comunidade de Ipuarana seu trabalho de formação um pouco afastado do centro de Campina Grande com as condições estruturais e climáticas ideais para seus alunos e confrades em sua maioria alemães, mas ganhava a ordem essa base importante, pois Campina era uma referência do comércio no interior do nordeste justamente por sua localização privilegiada, e

também ganhava a Igreja particular da Paraíba que passava a contar com o clero regular de forma mais presente na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição onde os frades trabalhariam como cooperadores.

Assim aos poucos foram os frades se estabelecendo na cidade, a princípio se instalaram bem próximo da catedral onde poderiam executar seus trabalhos pastorais e de auxílio aos confrades que ali chegavam para se abrigar de alguma necessidade mais urgente.

Segundo o livro de tomo do convento os primeiros frades a compor a fraternidade franciscana de Campina Grande foram Frei Prudêncio Kalmsuki e Frei Maurício Beier, foi escolhida como morada provisória, uma casa do Senhor Cel. Antonio Catão, situada na esquina formada pelas ruas Vila Nova da Rainha e Quebra-Quilos, por um aluguel de Cr.\$ 200,00 mensais.

No mesmo ano em que chegaram a Campina Grande os dois frades assumiram importantes funções na cidade referentes ao pastoreio na paróquia local, Frei Maurício Beier nomeado cooperador do vigário da Paróquia da Conceição no princípio de fevereiro, hospedava-se primeiramente na casa paroquial e tomou posse da nova residência em 26 de março de 1943, já Frei Prudêncio vindo da Bahia, como primeiro superior, ele que até então era redator do mensageiro da fé²⁹, chegou no dia 30 do mesmo mês, e assumiu no primeiro dia de abril o cargo de capelão do Colégio Imaculada Conceição.

Os registros mostram que os primeiros passos na cidade campinense não foram tão fáceis para os religiosos franciscanos, muitos obstáculos impediram que houvesse uma rápida adaptação ao novo ambiente, as questões econômicas inicialmente tornaram-se a grande dor de cabeça dos frades, tudo era muito caro e eles além de pagar aluguel precisavam organizar e manter a nova residência, daquela forma não conseguiriam por muito tempo sobreviver na cidade. Os arquivos da casa denotam bem esta realidade vivenciada pelos confrades nos primeiros anos de morada.

Necessidades e dificuldades com a carestia para se instalarem na nova residência; pagamos por uma cama 130 Cr., por uma cadeira 50,00 Cr., por um genuflexório 120,00 Cr. O Pe. Provincial Frei Pedro mandou quatro mesas para os quartos e mais uma para a sala de jantar e dois lavatórios. Gastamos ainda por uma cômoda 300,00 Cr..Para instalar a capela da

²⁹ **Mensageiro da fé** é uma famosa revista de espiritualidade franciscana que no século XX se tornou uma referência entre os vários trabalhos que circulavam no país, referentes à missão evangelizadora. Através de fascículos mensais cumpriam um trabalho importante de catequese, pois conseguiam atingir todo o país. (CCSF, 1943. p. 45)

residência o altar veio de João Pessoa por intermédio Pe. Provincial. Igualmente a imagem de São Francisco paramentos, toalha para altar, cálice etc. Nos mandou frei Inácio Buentgen do antigo convento de Serinhaém que naquele tempo estava sem frade algum e ocupado pelo vigário e por um colégio.(CCSF, 1943. p.07)

Não demorou para que a ordem procurasse lugar mais apropriado para servir de residência na cidade para a comunidade franciscana. Quem se encarregou de tal intento foi o Pe. Provincial Frei Pedro Westermann, ele conseguiu encontrar no dia 7 de julho de 1943 um terreno no subúrbio da cidade um sítio no Alto dos Cuités. Este possuía dimensões suficientes para a construção do convento tão sonhado, tinha 66 metros de frente e 60 metros de fundo e, sobretudo estava localizado em uma área da cidade que atendia a critérios bem traçados pelos religiosos, ficava a certa distancia das matrizes de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário e bem perto da estrada que conduz ao Seminário Seráfico de Ipuarana.

Todo o processo de compra e construção do Convento de São Francisco se deu de forma muito conturbada. Os religiosos precisaram de algum tempo para se adaptar a sociedade e poderes eclesiais. Certa resistência teve que ser superada para pudessem dar continuidade ao projeto missionário em Campina Grande, a própria compra do terreno onde hoje está localizado a casa franciscana no bairro da conceição se deu com dificuldade e tons de humor e realidade segundo o contexto da época. Nos arquivos do livro de tombo do convento estes fatos estão registrados dessa forma:

O proprietário do terreno era o Sr. Manoel Sérgio de Oliveira conhecido como mãozinha. Na compra surgiu ainda uma dificuldade. Uns dias antes um tal de Sr. Humberto Freires Silva, crente, tinha arrendado do dito terreno e só depois de muito falar e com a indenização de 2500,00 cruzeiros ele cedeu alegando como um dos motivos, ter visto em sonho o bombardeio de toda a região por aviões inimigos.(CCSF, 1945. p. 2)

Assim vemos que o próprio contexto em que ocorria a chegada dos religiosos a cidade era de completa tensão e isto não era só uma impressão popular, realmente vivia-se tempos difíceis no Brasil e no mundo, a 2ª Guerra Mundial conseguia atingir o imaginário das pessoas, e ainda mais especialmente Campina Grande que particularmente estava sendo praticamente ocupada por uma presença alemã inesperada, muitos até acreditam ser esta uma estratégia global do governo alemão que pretendia conquistar varias partes do mundo. Mudanças como essa alteravam o cotidiano de uma cidade aparentemente pacata, tudo isso fez com que vários empecilhos fossem criados para que acontecesse entre os frades e os cidadãos campinenses certa empatia, foi

preciso certo tempo para que a comunidade pudesse aceitar a participação direta dos novos moradores na sua vida social e política ate mesmo o clero do município criou resistências que impediram uma boa relação entre as representações eclesiais. Esses percalços não impediram que logo fosse aprovada a autorização canônica para que fosse oficialmente adquirida a residência franciscana na cidade de Campina Grande no dia 2 de setembro de 1945.

Muitas campanhas foram desenvolvidas e organizadas pelos próprios moradores da nova comunidade no intuito de arrecadar fundos que construíssem a obra sonhada pela ordem, religiosos e leigos uniram forças para que fosse envolvido o máximo da sociedade campinense, esse envolvimento serviu para aproximar aqueles que pareciam estranhos à nova vizinhança, várias camadas da sociedade local participaram das arrecadações se destacando naturalmente aqueles que ajudavam com vultosas quantias, todos os esforços estavam concentrados nesta missão. Artistas, importantes famílias da sociedade campinense, empresários e políticos engrossaram a fila dos que pretendiam ver o templo franciscano da Conceição concluído. É o que nos mostram os registros do arquivo do convento de São Francisco.

D. Irene Costa, fervorosa devota franciscana através do circo “Nerino” nos concedeu um espetáculo “Milagres de Santo Antonio” que rendeu mais de 2000,00 Cruzeiros. Os benfeitores mais generosos que ajudaram com 1000,00 a construir o convento: Sr. Raimundo Alves, irmãos Mota, Sra^o Maria Agra, Dona Ceci Silveira Dantas, Sr. João Rique, e o Banco Agrícola com 500 cruzeiros, Viúva Mota. (CCSF, 1945, p. 6)

Essa adesão maciça possibilitou os religiosos ocuparem de forma muito rápida o novo convento, sendo que dez dias após de ter recebido a autorização canônica de Roma no dia 12 de setembro de 1945 já ocupavam a obra que ainda levaria alguns anos para ser concluída.

Devido à insuficiência das arrecadações a construção do convento foi interrompida consecutivamente, as dificuldades eram tamanhas que nem todos os frades que ficavam a frente dos trabalhos de pedir esmolas nas portas conseguiram obter êxito ou pela falta de carisma para tal missão ou pela incompreensão dos paroquianos que muitas vezes questionavam o método utilizado pelos religiosos.

Mesmo assim no final do ano de 1945 no dia 7 de dezembro foi nomeado para assumir essa missão Frei Floriano Wiemann, ele seria o novo superior do convento de Campina Grande responsável em tentar dar continuidade à construção da nova casa, tinha como desafio modificar a visão pejorativa que a comunidade tinha a respeito dessa

prática de caridade defendida pela ordem franciscana na cidade. Segundo os arquivos, Frei Floriano não estava sozinho nesta empreitada, muitos leigos (especialmente leigas) abraçaram a causa e saíram às ruas para pedirem literalmente esmolas. Algumas delas tinham grandes influências junto à sociedade campinense, destacadamente três das Senhoras engajadas eram da ordem terceira D. Deditor Minerncio (ministra), D. Ernestina Dantas (mestra de noviças) e D. Antonieta Mariz Marques, com elas o empreendimento teve sucesso.

A construção da Igreja logo foi reiniciada por causa dos esforços múltiplos da comunidade, mas desde o começo houve quem considerasse a futura Igreja muito pequena para o número da população no bairro, levando em conta ainda o crescimento da população e a distancia da matriz, a opinião apresentou-se como bem fundada. Por isso o Revmo. Definitório em sua última sessão resolveu o prolongamento da Igreja por 15 metros. A Igreja tem, portando, agora o cumprimento total de 50,7 m de fora a fora. Como podemos observar na Ilustração abaixo a Igreja do Convento de São Francisco ganhou dimensão suficiente para atender a população paroquiana sem maiores dificuldades, entendendo que a dimensão antiga seria apenas um terço da que vemos na Ilustração 07.



Ilustração 07: Lateral da Igreja de São Francisco de Campina Grande-PB

O crescimento das estruturas do convento e da Igreja provocava algumas inquietações na comunidade paroquial, as constantes arrecadações faziam com que parte da população questionasse todo aquele esforço exacerbado pelas arrecadações quando perto da mesma paróquia uma obra muito maior acontecia sem ser preciso fazer campanha nas ruas porta a porta. Os registros particulares do convento revelam que os frades tinham uma preocupação rotineira em justificar todas as suas ações missionárias a respeito das campanhas que eram realizadas para o recolhimento dos donativos para a construção da nova casa franciscana.

Temos pressa de continuar porque o inverno a entrar teria grande prejuízo à construção. Muita gente, principalmente os comerciantes reclamam que estejamos pedindo esmolas. Dizem que os padres de Ipuarana constroem um colégio de grandes dimensões e não pedem dinheiro no meio da rua. Em nossas pregações e sempre que for oportuno e necessário esclarecermos o povo que a construção do colégio é feito com a colaboração da província enquanto o convento de Campina Grande só depende dos esforços de nossa comunidade. Foi preciso todo zelo para nos firmar na sociedade campinense. (CCSF, 1947. p. 12-13).

Também entre o clero secular alimentava-se um clima sempre avesso à presença dos religiosos franciscanos visto que a fixação da ordem na cidade representava uma ameaça aos poderes eclesiásticos locais. Em algumas páginas dos arquivos da ordem encontramos a insatisfação dos religiosos em relação ao estranho comportamento dos presbíteros responsáveis principalmente pela Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição durante a primeira década da presença dos frades na cidade. Vejamos alguns trechos desses documentos que tratam da polêmica entre os eclesiásticos campinenses.

Aconteceu um festival em benefício da construção de nossa igreja no ginásio Alfredo Dantas. A diretoria desta escola realizaria todos os anos um festival cujo lucro seria revertido para a construção da igreja. Por motivos inexplicáveis o Sr. Severino Lopes Loureiro diretor do ginásio violou este contrato distribuindo o lucro do festival entre outras casas religiosas: obras de Pe. Mariano, 10, 000,00 Cr#, Asilo São Vicente, 1,000,00 Cr# e o próprio ginásio 1,000,00 Cr#. Protestamos como era nossa obrigação. O Pe. Mariano em consequência do protesto nos restituiu os 10, 000.00 Cr#.

Recebemos uma visita do Pe. Severino Mariano vigário da Matriz da Conceição nos convidando para participarmos das festas externas que se realizavam todos os anos, esta aconteceu na semana de Natal na Rua Floriano Peixoto na intenção de reverter o lucro para as obras da Igreja Matriz, percebendo a nossa perplexidade, resolveu e afirmou que o lucro da festa devia ser distribuído em três partes iguais entre a Paróquia da Conceição, Asilo de São Vicente e Convento São Francisco. Aconteceu uma coligação campinense. Trabalharam 6 senhoras da ordem terceira nas diversas comissões da festa. Só que no final o lucro não foi dividido em

³⁰ partes iguais ficaram dos 60, 000,00 Cr# apurados, 30, 000 para a Igreja Matriz e 30, 000,00 Cr# para o Asilo São Vicente.

Realizamos em nossa capelinha a devoção do mês mariano. Os exercícios foram bem concorridos do começo até o fim, de forma que a maioria dos fiéis assistiu do lado de fora. Os paraninfos para cada noite contribuíram com as esmolas para a construção. Enquanto o dinheiro arrecadado em nossa capela foi de Cr# 5000,00, contribuíram os paraninfos da matriz com Cr# 73.000,00 para as obras do vigário. Esta diferença esclarece bem a nossa posição dentro da sociedade campinense. O vigário Pe. Severino Mariano mostrou-se generoso oferecendo-nos 5.000.00 Cr#, este gesto é tanto mais de admirar-se e de louvar porque tem continuado, até o momento, certa oposição velada a nossa obra, da parte dele como já ficou registrado no começo desta crônica. (CCSF, 1942, p. 3-5)

O cotidiano na vida da fraternidade franciscana em Campina Grande sempre esteve muito voltado para a vida pastoral da comunidade, ainda mais após o término da construção de sua morada. A sua estrutura conventual possibilitou manter as devoções católicas em dia, aos poucos se criou uma grande harmonia junto aos paroquianos superando-se as desconfianças dos primeiros anos na cidade.

Dois fatos que confirmaram a presença franciscana em Campina Grande e que acirrou os antigos desentendimentos entre representantes do clero no final da década de 1940 foram à nomeação de *Dom Frei Anselmo Pietrulla*³¹ O.F.M., prelado de Santarém, para primeiro Bispo de Campina Grande e a instalação da Diocese de Campina. Claro que mais do que significar problemas para a vida eclesial interna da cidade trouxeram esses dois fatos grande destaque no cenário estadual, a diocese de Campina Grande seria terceira Diocese (depois das Dioceses da Paraíba e Cajazeiras) do Estado sendo o seu primeiro Bispo um Franciscano.

Podemos afirmar baseados nos documentos que a vida religiosa campinense modificou-se completamente após a fundação da diocese e o exercício do apostolado do primeiro Bispo diocesano Dom Frei Anselmo Pietrulla O.F.M.³², este foi responsável

³¹ **Dom Frei Anselmo Pietrulla** pertencia a OFM (Ordem dos Frades Menores) nasceu na Silésia, Polônia. Foi ordenado prebistero no dia 21 de maio de 1932 e sagrado Bispo em 13 de dezembro de 1947. Assumiu a Diocese de Campina grande em novembro de 1949 e seu apostolado nesta cidade durou até 1955 quando foi transferido para a Diocese de Tubarão-SC. (Uchôa, 1964. pg. 48)

³² A **Ordem dos Frades Menores** (em latim *Ordo Fratrum Minorum, O. F. M.*), também conhecida por Ordem dos Franciscanos ou Ordem Franciscana, é a ordem religiosa fundada por São Francisco de Assis. Tendo como primazia na Ordem dos Menores os OFM Conventuais de 1209, Hábito cinza e caparão até o cordão, em seguida os OFM Observantes - simplificado pelo Papa Leão XIII (das Reformas 1368/1897) de hábito marrom e caparão curto e os OFM Capuchinhos de 1528 (Reformado dos OFM Obs) sem caparão e capuz até o cordão e todos de cordão branco com os três nós que representam os conselhos evangélicos. Sua regra esteve na base da Segunda Ordem Franciscana - a Ordem das Clarissas, fundada por Santa

por obras importantes em Campina Grande como o Mosteiro das Clarissas, o Seminário Diocesano, Igreja de São José, sede do Circulo Operário, e também idealizou a construção da Paróquia de Nossa Senhora das Graças no bairro da Liberdade que não possuía Igreja.

Em pleno desenvolvimento a cidade vivia momentos em que as mudanças políticas e econômicas eram muito bem vindas, mais não foi o que aconteceu plenamente quando foi inaugurada a diocese na cidade campinense com o seu novo pastor, ainda existia entre as partes do clero local e a comunidade em geral uma indiferença na relação com os religiosos franciscanos, o fato de o bispo diocesano ser um franciscano provocou ainda mais insatisfações que complicariam o futuro da presença dos religiosos da Província de Santo Antonio do Brasil nesta região.

Mais a década de 1950 decorreu para os franciscanos na cidade com muito êxito, muitas conquistas permearam a vida cotidiana da comunidade paroquial (mesmo em meio a algumas dificuldades), como em décadas anteriores para que pudessem obter sucesso dedicaram-se, sobretudo ao trabalho missionário. Quase todos os municípios circunvizinhos a Campina Grande recebiam evangelização dos frades menores, foi por esta atuação que os frades ficaram conhecidos por todo o interior do estado e do nordeste brasileiro. O arquivo do convento de São Francisco de Campina Grande, cita trechos (1954-57) em que lembram alguns dos grandes dos grandes missionários franciscanos que atuaram durante muitas décadas aqui no interior do Estado da Paraíba e na região nordeste.

1º-No dia 16 chegou frei Leopoldo Plass para junto com seu companheiro frei Evaristo Fransback, continuar a tradição missionária dos franciscanos neste Estado. Há muitos anos. 2º-Desde os últimos dias de fevereiro passou nesta cidade o grande missionário capuchinho: Frei Damião acompanhado por seu confrade Frei Fernando O.F.M. Cap. Houve reuniões nas paróquias de Nossa Senhora das graças e São José. Começou na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário. Há ajudamos com 3 ou 4 padres cada noite nas confissões. No dia 13 começou a missão na catedral. (CCSF, 1954-57)

Muitas missões foram desenvolvidas pela ordem franciscana nas primeiras décadas de sua presença nestas terras no interior paraibano, elas serviram basicamente para estabelecer a atuação desses religiosos que como vimos anteriormente não foi fácil.

Podemos compreender então, que o próprio fato de ter a Província de Santo Antonio do Brasil fundado duas casas na cidade de Campina Grande ajudou

sobremaneira a implantar na região o modo de vida da fraternidade, tanto o Colégio Seráfico de Ipuarana como o Convento de São Francisco foram espaços importantes da religiosidade local, e sem sombra de dúvida contribuíram para que se pudesse construir certa identidade da população com esta representação católica, que destacadamente está presente na maioria dos estados do nordeste com exceção dos estados do Maranhão e Piauí.

2.5.1 O apogeu e a decadência do Convento Ipuarana

Só no Seminário de Ipuarana estudaram cerca de 3 mil alunos de todos os recantos do Brasil durante os seus quase trinta anos de funcionamento (1942-1971) como escola de formação foi uma referência no nordeste e em todo o Brasil, esta escola ficara conhecida por sua excelência de ensino principalmente por sua força de disciplina, que era muito eficaz devido ao alto índice de religiosos estrangeiros da Alemanha. Aliás, as décadas de 50 e 60 marcaram o apogeu desta instituição religiosa franciscana, deve-se em grande medida esse sucesso todo certamente a presença do corpo docente alemão que era maioria também entre a fraternidade nas duas casas que se instalaram na cidade.

Os números eram favoráveis para os alemães não apenas na quantidade e qualidade dos religiosos presentes nos conventos franciscanos mais também no capital que eram investidos na Província de Santo Antonio, o que nos confirma tal suspeita é que logo após a reabertura do colégio de Bardel na Alemanha e rápida partida dos principais frades-professores alemães do Ipuarana iniciou-se o declínio de funcionamento do Seminário, as mudanças interferiram no seu funcionamento administrativo e pedagógico que inicialmente era feita pelos alemães e que passaram a ser sustentados pela direção composta por frades brasileiros.

A superioridade numérica de professores alemães será modificada a partir de meados dos anos de 1950, data esta em que é reaberto o colégio franciscano de Bardel na Alemanha. Logo após o termino da 2º guerra mundial forma os religiosos retornando paulatinamente para seu país. Nesse contexto os professores que praticamente fundaram os trabalhos de formação em Ipuarana como Frei Ambrosio, Frei Marcelo e Frei Vital Bockalage, entre outros deixaram Ipuarana.

Assim, deu-se iniciou a fase de decadência do Seminário Franciscano de Ipuarana localizado do povoado de Lagoa Seca na cidade de Campina grande, conseqüentemente este espaço religioso deixou de ser prioridade para a Província Alemã de Santa Cruz da

Saxônia, afinal esta já não atendia mais a um dos objetivos principais para qual foi construído, abrigar aos confrades alemães. Este era o sinal de que o Ipuarana não seria mais assistido também financeiramente como antes através das verbas estrangeiras que o mantinha.

A Ilustração 08 faz memória ao passado glorioso de funcionamento da escola franciscana.



Ilustração 08: Alunos internos do Seminário Menor Franciscano de Ipuarana

Praticamente a vida da escola seráfica franciscana em Campina Grande funcionou enquanto estavam por aqui os alemães, a partida desses religiosos impactou completamente a sobrevivência do seminário menor, a fama que conseguiu durante as décadas de 1950-60 principalmente era creditada em grande parte a qualidade do ensino e a diversidade das disciplinas lecionadas. Eram oferecidos estudo ginásial e clássico, nos níveis fundamental e médio, com tempo máximo de sete anos de formação. A grade curricular do seminário era composta de formação religiosa e clássica: latim, grego; línguas modernas: francês, alemão e inglês; ciências humanas: história e geografia; ciências exatas: física e matemática; formação artística cultural: música, canto, teatro e, ginástica nas barras transversais. Além de esportes: futebol, basquete, vôlei e batalha. Albuquerque nos explicita um pouco sobre o cotidiano daquela morada franciscana de como o seu rigor disciplinar não permitia qualquer espaço ocioso entre suas atividades religiosas e educacionais.

Pela manhã eram despertados pelo bater das palmas do padre prefeito, seguido da AVE MARIA, a que todos respondiam em voz alta “GRATIA PLENA”, pulando imediatamente da cama. Seguiu-se a higiene matinal, logo após eram enfileirados de braços cruzados os obre o peito, silêncio absoluto, a fila caminhava para a igreja da frente para trás, não sendo permitido olhar para os lados, sempre de cabeça baixa. (ALBUQUERQUE, 2000, p. 34-35)

Todas as atividades, além do ensino rigoroso, deram uma imensa qualidade na educação, segundo Pereira (2000), “pode ser atribuída aos professores alemães, Frei Manfredo, Frei Marcelo, Frei Paulo e Frei Vital Bockalage”, estes foram realmente os religiosos que organizaram a base da educação oferecida em Ipuarana.

A partida dos frades alemães do Seminário de Ipuarana provocou mudanças significativas na vida funcional da instituição, tudo o que era antes administrado pelos religiosos estrangeiros passou a ser assumido pelos confrades brasileiros.

Segundo Pereira (2000) a partir dos anos de 1960, iniciou-se uma grave crise no Colégio Seráfico de Ipuarana. Nas primeiras duas décadas de seu funcionamento o número de alunos só aumentava e animava a cada dia a ordem franciscana mesmo sem este possuir resultados tão expressivos em relação ao seu efetivo de vocações religiosas e principalmente vocações sacerdotais, agora começava a dar sinais de um declínio progressivo e ameaçador. O grande problema notado é que a maioria dos alunos que ali ingressavam tinham mais interesse na qualidade do ensino oferecido que tornar-se um sacerdote franciscano. Por esta época já não era tão difícil encontrar boas escolas e o Ipuarana perdia um de seus mais eficientes chamarizes. Começavam a secar as fontes de onde tradicionalmente vinham novas vocações. Da marca histórica de 243 seminaristas em 1960 o número havia caído para 64 em 1971.

Foram longos os efeitos da crise de paradigmas que se abateram sobre o Seminário de Ipuarana muitas conseqüências minavam a cada ano as possibilidades de uma reação diante das pessimistas notícias que consecutivamente se espalhavam sobre a comunidade fraterna, todos foram atingidos.

O prestígio e a motivação que até então tinham os professores para lecionar no Ipuarana já não era o mesmo, a Província passou a não considerar mais a atividade docente tão necessária naquele momento delicado que vivia o Seminário, afinal nessas condições perdia-se o objetivo maior da escola que era formar religiosos para a ordem franciscana.

O Ipuarana estava entregue agora apenas a equipe de professores e educadores ali escalados cuja composição há anos não se renovava (PEREIRA, 2000). Praticamente

generalizou-se uma situação de completa desintegração da vida no seminário, alunos que não viam mais sentido para cumprir com as rígidas normas disciplinares da casa, frades que abandonavam a vida religiosa devido principalmente a mudança de valores que se impunha naquele contexto cultural caótico dos anos 1960, parecia que a vida religiosa iria juntamente com a província extinguir-se.

O limite da crise atingiu seu ponto crítico no ano de 1971, quando a realidade agravou-se a ponto de que não havia mais condições normais de funcionamento do colégio para o ano seguinte. A metodologia utilizada no seminário estava antes prejudicando que favorecendo os alunos. Dessa forma reuniu-se o Definitório no mês de dezembro e decidiu que o seminário ficaria fechado por tempo indeterminado. Depois desta paralisação muitas possibilidades foram cogitadas pelos definidores para manter de alguma forma o colégio de Ipuarana ativo, em serviço não só para ordem franciscana e a igreja como também para a sociedade de uma forma geral. Um Centro Vocacional foi a alternativa escolhida assim atenderia a encontros de jovens, atuando em colégios e grupos de juventude, promoveria cursos vocacionais e palestras diversas. E todas essas atividades poderiam eventualmente suscitar vocações para a província. Poderia vir a ser um centro importante, com muito movimento, exercendo uma grande influência na região.

O futuro do convento Ipuarana após a sua longa trajetória como escola menor de seminaristas rumou para caminhos bem diferentes daqueles aos quais foi inicialmente programado, a sua nova referência nos anos que se seguiram ao seu fechamento tornou-se a de um Santuário Franciscano no Brasil e casa de retiros espirituais, onde também todos os anos muitos turistas e devotos de todo país inclusive bastantes estrangeiros destacadamente alemães (devido certamente a ligação desta província à província da Saxônia) visitam esta notável obra arquitetônica no município hoje emancipado de Lagoa Seca.

2.6 O Mundo e a Igreja entre Revoluções e Conversões

Outras transformações ocasionaram um aprofundamento ainda maior neste momento de crises na vida dos religiosos franciscanos e da Igreja no Brasil e especialmente em Campina Grande, pois era este o período em que alterações culturais emergiam e repercutiam novos paradigmas culturais em todo o ocidente mais

destacadamente. A própria Igreja que ainda permanecia sob os moldes antigos de sua religiosidade defendendo conceitos que impediam uma aproximação e participação mais efetiva dos leigos sofria uma ameaça constante diante da nova face que resplandecia do mundo moderno. A urgência que antes se desenhara na Igreja de forma geral pela busca de vocações diante dessa realidade precisou ser revista para que não acabasse esta deixando de ser a mais influente instituição da história na vida da sociedade global.

Essa mudança de mentalidade entre as décadas de 1950-60 conhecida por muitos como “*Anos Dourados*”³³ ou simplesmente revolução cultural que destituiu os padrões retrogradados que aprisionavam especialmente a juventude, provocou um anseio por novos símbolos e modelos que o representassem, era o início de um forte rompimento do moralismo rígido da sociedade no século XX. Na década de 1960 mais especificamente representou a realização de novos projetos culturais e ideológicos alternativos inaugurados no começo de 1950.

O conjunto de inovações ocorridas no ocidente, América Latina e no Brasil provocaram mudanças comportamentais que modificariam completamente a mentalidade das pessoas especialmente aos que de alguma forma estavam ligados a códigos de conduta morais mais fechados. Os religiosos e estudantes de escolas católicas estes sofreram mais diretamente os efeitos da revolução cultural que se implantou no ocidente a partir mais fortemente dos anos 60 do século XX. Manifestações sócio-culturais e políticos que defendiam o idealismo em favor da luta popular, movimentos como o feminista e outros em favor dos negros e homossexuais, dos Hippies que eram contrários a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã chamado de *contracultura*³⁴. A mudança cultural ganhou força na música com o rock dos Beatles que explodiu assustadoramente através da banda britânica ocasionando uma febre generalizada por todo o ocidente, Bob Dylan e a sua música de protesto, acontece também na mesma década o festival de Woodstock nos EUA (Ilustração 09) entre outros lendários do rock clássico, este festival tornou-se o símbolo de uma geração que

³³ Os anos 50 foram marcados por grandes avanços científicos, tecnológicos e mudanças culturais e comportamentais. Foi a década em que começaram as transmissões de televisão, provocando uma grande mudança nos meios de comunicação. No campo da política internacional, os conflitos entre os blocos capitalista e socialista (Guerra Fria) ganhavam cada vez mais força. A década de 1950 é conhecida como o período dos "anos dourados". http://pt.wikipedia.org/wiki/Anos_Dourados.

³⁴ **Contracultura** é um movimento que tem seu auge na década de 1960, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social e utilizando novos meios de comunicação em massa. A contracultura pode ser definida como um ideário altercador que questiona valores centrais vigentes e instituídos na cultura ocidental. Justamente por causa disso, são pessoas que costumam se excluir socialmente e algumas que se negam a se adaptarem às visões aceitas pelo mundo. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Contracultura>). Acesso em 20 de junho de 2011).

se sentia entediada dos valores arcaicos defendidos e propalada pela estrutura conservadora da época, sendo a Igreja um desses pilares que a sustentava. Ainda outras revoluções provocaram o aumento da ebulição cultural pelo mundo como a revolução cubana e a descolonização da África todos esses eventos históricos obrigaram praticamente todo o ocidente a repensar seus conceitos de mundo nesta época.

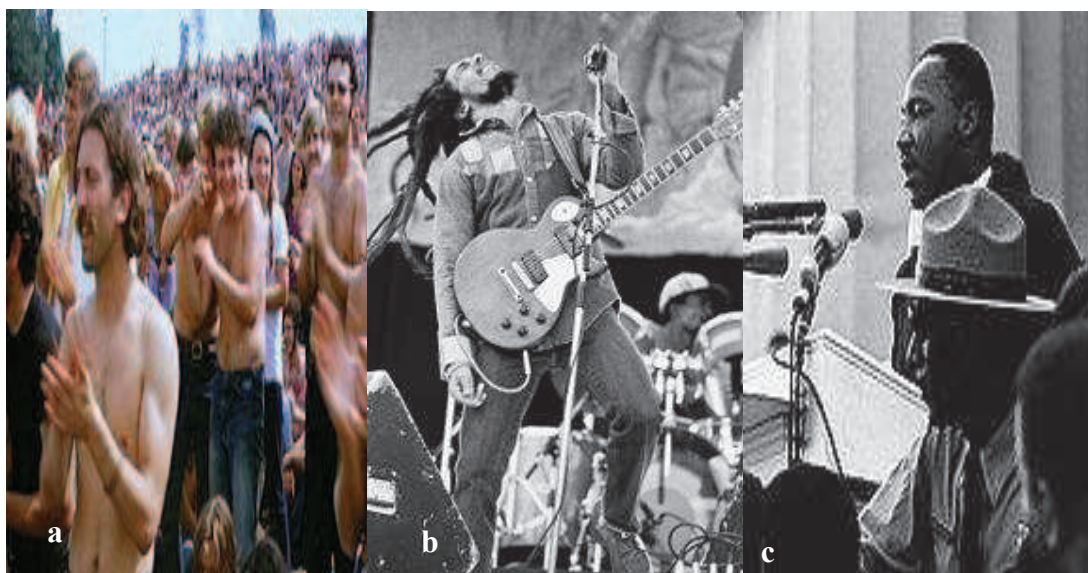


Ilustração 09: Festival de Woodstock (a), Bob Marley (b) e Martin Luther King Jr.(c), símbolos de liberdade dos anos 1960

No Brasil também se experimentou os efeitos das mudanças de paradigmas, em todas as áreas aconteceram reações que engrossariam esses movimentos já citados, na política, nas artes, música, economia, ciência. Na política o Brasil vivia momentos conturbados especialmente no início da década de 60, assumia nesta época a presidência da república João Goulart um trabalhista que contradizia os valores tradicionais do sistema vigente, assim a instabilidade política gerada por todas as transformações em todo o ocidente provocaram reações das forças militares de vários países, na América Latina ditaduras se instalaram, inclusive no Brasil (1964-1984), estas reprimiram os movimentos populares que lutavam por mais liberdade e direitos humanos. Todos esses eventos históricos revelavam a face de um “novo mundo” que se desenhava, estava definitivamente se transformando pela questão cultural a ótica da civilização em grande parte da mentalidade humana, essencialmente no mundo ocidental.

Esta ebulição cultural atingirá o Colégio de Ipuarana não apenas externamente, com a escassez de alunos para estudar no Seminário franciscano, mas se tornava também um grande problema interno nas relações cotidianas, pois em meio a todas

essas manifestações e movimentos que podemos chamar de contra-culturais pairava um clima desnorteante sobre a crise estrutural e disciplinar que já existia no Ipuarana. À medida que ocorria no mundo toda essa revolução cultural, na Igreja acontecia o *Concílio Vaticano II*³⁵, que prometia uma nova era de renovação.

2.6.1 O Concílio Vaticano II: “Na conversão da Igreja e suas conseqüências na Formação Religiosa do Ipuarana”

Na Igreja estas transformações repercutiram de forma bastante abrangente, O concílio Vaticano II (Ilustração 10) foi de certa forma conseqüência desse novo processo de conversão cultural que o ocidente viveu. Na verdade o concílio se tornou na tentativa mais clara da Igreja de se adequar aos novos tempos estando esta temerosa diante dos horizontes desconhecidos que já enxergava.



Ilustração 10: Abertura do Concílio Vaticano II

Ipuarana logo sentiu os efeitos do Concílio Vaticano II. Tendo sido este convocado pelo Papa João XXIII em 25 de dezembro de 1961 através da bula papal

35

O **Concílio Vaticano II (CVII)**, XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de Dezembro de 1961, através da bula papal "*Humanae salutis*", pelo Papa João XXIII. Os concílios, que são reuniões de dignidades eclesiásticas e de teólogos, são um esforço comum da Igreja, ou parte da Igreja, para a sua própria preservação e defesa, ou guarda e clareza da Fé e da doutrina. No caso do Concílio Vaticano II, a necessidade de defesa se fez de modo universal, porque as *situações contemporâneas* de proporções globais abalaram a Igreja. Isto fez com que a autoridade universal da Igreja, na pessoa do Papa, se encontrasse persuadida a convocar um concílio universal ou ecumênico. (Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_Vaticano_II>. Acesso em 20 de junho de 2011).

“Humanae salutis” e se desenvolveu em quatro sessões terminando apenas em 8 de dezembro de 1965 sob o papado de Paulo VI.

Enquanto os quase três mil bispos católicos do mundo inteiro reuniram-se em Roma, Ijuarana convocava um mini-concílio. Se no Vaticano II buscava-se a união dos cristãos e a renovação da Igreja pela volta às raízes, em Ijuarana buscava-se deixar para trás todas as diferenças que teimavam em manter distanciadas na prática os seminaristas das várias famílias religiosas: franciscanos, redentoristas, diocesanos e os maristas. (...) em uma dimensão verdadeiramente “ecumênica” (PEREIRA, 1999. p. 57-58)

Muitas das decisões que tomou a Igreja a partir do concílio Vaticano II demonstraram claramente a intenção de não perder o controle totalmente da vida dos cristãos católicos que precisavam agora mais do que nunca de um direcionamento adequado para a sua vida que atendessem de alguma forma aos anseios evangélicos em meio ao mundo moderno que transbordava em constantes evoluções sociais e culturais.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e actividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e colectivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflecte também na vida religiosa. (GAUDIUM ET SPES, 1965).

O Concílio não desconsiderou as transformações econômicas, tecnológicas, culturais do mundo, mais buscou reorganizar o cristianismo face ao ritmo da vida do mundo moderno.

Os documentos que foram produzidos referentes aos objetivos do Concílio Vaticano II demarcavam quais deveriam ser as questões refletidas entre o clero reunido, esperando que as novas diretrizes correspondessem a uma ação pastoral capaz e equilibrada diante das novas realidades.

Segundo o documento eclesial (GAUDIUM ET SPES, 1965) para alcançar tal objetivo, é dever da Igreja estar atenta e investigar os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho, para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida, presente e da futura, e da relação entre ambas. Torna-se assim necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, tanto suas esperanças e aspirações e seu caráter tantas vezes dramático.

Todo o esforço que teve a Província Franciscana do Brasil em manter a formação no colégio Ipuarana no mesmo nível dos vinte anos anteriores estava completamente ameaçada por todas as alterações culturais globais, a própria Igreja Católica tão conservadora em seus dogmas revia sua atuação em meio as mudanças culturais e buscava entender e repocisionar sua ação pastoral para melhor entender e atender o seu rebanho. Assim nos afirma a constituição *Gaudium et Spes*:

O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia. A transformação de mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens. Tornam-se frequentemente impacientes e mesmo, com a inquietação, rebeldes; conscientes da própria importância na vida social, aspiram a participar nela o mais depressa possível. Por este motivo, os pais e educadores encontram não raro crescentes dificuldades no desempenho da sua missão (*GAUDIUM ET SPES*, 1965).

A formação no Ipuarana mudava de contexto a partir do Concílio Vaticano II, novo tempo se fazia, agora na perspectiva educacional do Seminário, a educação oferecida pela Igreja Católica passava por uma modificação. Desde o início de sua trajetória assumia para si a tarefa de educar. Segundo a carta encíclica (1929), *Divino Illius Magistri* de Pio XI é dividido a tarefa das instituições: “a educação dos jovens passa por três sacerdoteres distintos, duas de ordem natural; família e a sociedade civil, a terceira ordem que é a Igreja de ordem sobrenatural e universal”.

Ainda assim mesmo, segundo Pereira (2000) hoje algumas transformações precisam se melhores refletidas a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), que provocou um grande reboiço na Igreja e se fez sentir de maneira especial pelo Brasil. A província sempre fez questão de considerar Ipuarana uma instituição especificamente destinada a formação das vocações sacerdotais franciscanas, um seminário, portanto. O que não impedia que entre seus alunos se encontrassem alguns mais interessados na oportunidade do estudo do que em seguir a vocação sacerdotal.

Dessa forma a presença franciscana se fez durante os trinta anos na cidade de Campina Grande e no povoado e depois município independente de Lagoa Seca. O Colégio, o Seminário menor, o Convento Ipuarana teve grande participação em todo esse processo de atuação da ordem religiosa nesta região da Paraíba e Nordeste do Brasil. Certamente a história da ordem franciscana no cenário nacional e principalmente

regional está demasiadamente localizada neste capítulo do Estado da Paraíba que em Campina grande e mais tarde em Lagoa seca se consolidou em meio aos inúmeros desafios superados.

Todas essas reflexões em torno do objeto pesquisado, atuação da ordem franciscana no Brasil e em Campina grande nos ajudam parcialmente a entender a nossa história religiosa, social, política e econômica mesmo em meio as generalizações historiográficas existentes neste período, a partir dos fatos que demarcam a participação direta dessas “empresas da fé” no processo civilatório da América.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das diferentes propostas apresentadas sobre o franciscanismo na história do Brasil nas instâncias nacional, regional, estadual e municipal concluímos que a participação das ordens religiosas na vida da sociedade brasileira nos deixa um legado consistente que precisa ser ainda mais pesquisado e refletido pelas academias como importante fonte histórica do nosso patrimônio cultural material e imaterial.

Nesta pesquisa tentamos desmitificar algumas “verdades” que foram estabelecidas pela história oficial a respeito das missões religiosas no período da colonização portuguesa e espanhola no Brasil, com o objetivo de questionar variadas definições que foram sendo construídas através de uma historiografia demasiadamente positivista que queira ou não consolidou ao longo do tempo um conhecimento de baixo nível analítico.

A temática que trata das ordens religiosas propriamente talvez tenha sido um dos assuntos que mais danos sofreu dentro da narrativa oficial da história do Brasil justamente devido a pouca exploração investigativa que questionasse o que fora dito a respeito da atuação destas representações cristãs em todo o processo de formação da nossa sociedade visto que foram elas as instituições que implantaram na nação brasileira muito do que conhecemos hoje do nosso legado cultural, as primeiras escolas, bibliotecas, obras arquitetônicas, cantaria, talhas, azulejaria, artes plásticas e cênicas, pintura, música sacra, etc.

Precisamos ainda mais nos aprofundarmos nas pesquisas no sentido de compreendermos melhor qual foi o papel das ordens religiosas no cotidiano na nossa história de modo que a nossa leitura seja reconstruída ou ressignificada a partir de uma investigação minuciosa das diferentes possibilidades documentais existentes e que muitas vezes são desconsideradas ou generalizadas deixando escapar pormenores significativos e relevantes.

O franciscanismo de forma singular entre as diversas outras representações religiosas precisa ser mais conhecido para melhor ser aceito e reconhecido no cenário principalmente brasileiro, pois como já foi dito e discutido ficou exacerbadamente centralizada a atenção dos que narraram a história do Brasil nas personagens jesuíticas excluindo de certa forma os pioneiros das missões catequéticas que foram os franciscanos. Enxergando assim, a história franciscana no Brasil precisa ser reescrita, ou no mínimo repensada a partir de um novo olhar sobre a historiografia oficial e os demais documentos materiais e imateriais. Estes, indubitavelmente podem e já

contribuem para que seja expandida as vistas sobre os caminhos percorridos por estas instituições eclesiais.

Existem versões na historiografia nacional e internacional que reduzem o trabalho dos religiosos apenas a um recôncavo da vida no Brasil, considerando apenas as missões catequéticas como veia única que alimente as discussões sobre a presença dos regulares nesta terra nos longínquos cinco séculos de ação missionária. Talvez, como já foi dito, esse pouco alcance das narrativas históricas oficiais que ainda atualmente se encontram como fontes predominantes não sejam as maiores culpadas por tamanha miopia discursiva, pois mesmo com toda a capacidade teórica que se tem hoje ainda permanecem muitas alas da educação bitoladas a ângulos perpétuos vemos como exemplo os materiais didáticos utilizados na atualidade no ensino público que estão bastante limitados a reducionismos de capítulos importantes da história internacional, nacional, regional e local.

Outra questão urgente que merece ser discutida ou ao menos lembrada a respeito da vida das ordens religiosas e outras temáticas proporcionais é que a sua participação e existência por si só não poderá continuar a ser trabalhada e estudada naturalmente com mais profundidade em grande medida devido a vários fatores que nesta pesquisa foram detectados: primeiro, uma das grandes dificuldades é o baixo número de pessoas interessadas para trabalhar com esta linhagem temática; segundo, ausência de políticas públicas que fomentem pesquisas nesta área e afins, promovendo eventos que discutam a importância de tais pesquisas para alunos, academia e sociedade civil; terceiro a resistência encontrada quando a investigação precisa do acesso as fontes públicas ou privadas naturalmente; quarto a péssima conservação ou inexistência dos documentos e arquivos históricos que acabam sendo extraviados pela pouca atenção dos governos que se sucedem e da sociedade “desinteressada” que não preserva nem reage ao desrespeito público a tais monumentos patrimoniais.

Certamente avançaremos se continuarmos a questionar determinadas “verdades” que se tornaram matérias intocáveis no nosso currículo escolar, acadêmico e histórico, tudo isso, é claro, com responsabilidade teórica e imensa vontade de alcançar através das diversas fontes documentais, traduções que se aproximem cada vez mais de análises históricas desprendidas dos interesses de quem as produz e financia, se isso for possível.

A trajetória da vida franciscana foi mostrada suscetivelmente tendo em vista a complexidade da temática e as limitações humanas de quem as produziu e das fontes acessadas, muito poderia se ter atingido com mais propriedade se o índice existente

pudesse ter sido consultado, logo as informações aqui contidas oferecem como todo trabalho alcance parcial no amplo debate sobre as ordens religiosas especificamente a Ordem Franciscana no contexto nacional regional e local.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, João Batista de. **Minhas Memórias de Ipuarana**. Garanhuns-PE. Ed. Tyoflan, 2000

AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do novo: Tomo II/3-2: Terceira época: 1930-1964**. Petrópolis: Vozes, 2008

BURITY, Glauce Maria Navarro. **A Presença dos Franciscanos na Paraíba, Através do Convento de Santo Antonio**. Rio de Janeiro: Ed. Copyright, 1988

CASTANHO, Dom Amaury. **Presença da Igreja no Brasil 1900-2000**. 1ª ed. Jundiaí-SP, 1988.

CAMPOS, Flavio de. **História Ibérica: Apogeu e Declínio**. 1ª Ed. São Paulo Editora Contexto, 1998.

CONFERIR: HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990

CHARTIER, Roger. **História intelectual e historia das mentalidades**. In: *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990. p.63.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: *Estudos Avançados*. Campinas: Unicamp, 11(5), 1991. p.173-191.

GAUDIUM ET SPES, **Constituição Pastoral: Sobre a Igreja no Mundo Atual**. Roma, 7 de Dezembro de 1965, Papa Paulo VI.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2002

LONDOÑO, Fernando Torres, **Paróquia e Comunidade no Brasil, Perspectiva Histórica**. Coleção Comunidade e Missão. São Paulo: Ed. Paulus, 1997

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. **Os Franciscanos e a Formação do Brasil**. Recife: UFPE, 1969

MATTOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003

PEREIRA, Carlos Almeida. **Sombras e Luzes do meu caminho**. Campina Grande: Edição do autor, 2002

PEREIRA, Carlos Almeida. **Ipuarana 2000: Refazendo uma Caminhada**. Belém-PA, 1999

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

RODRIGUES, José Edmilson *et al.* **Memorial Urbano de Campina Grande**. Ed. A União: Paraíba, 1996

WILLEKE, Frei Venâncio. **Franciscanos na História do Brasil**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1977. Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

WILLEKE, Venâncio, Frei. **Missões Franciscanas no Brasil (1500-1975)**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1974. Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

UCHÔA, Boulanger de Albuquerque, **Subsídios para a História de Campina Grande – Paraíba**. Rio de Janeiro, 1964

PROVINCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL, entrevista, **A História tem de ser reescrita**. Maria Emília Mattos, 2009, Rio de Janeiro. Copyright © 2011 Franciscanos.org.br - Todos os direitos Reservados.

MITRA DIOCESANA DE NOVO HAMBURGO, **Diferença entre ordem e Congregação Religiosa**, Escrito por Mons. Inácio José Schuster, Vigário Geral e Judicial da Diocese de Novo Hamburgo.